

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 23, nº1 outubro de 2020



SEGREDOS

Editorial



SEGREDOS

Segredos foi o tema escolhido, no início de 2020, para o primeiro Jornal impresso da SBPdePA, pela Comissão Editorial. Já estava em pleno andamento quando fomos surpreendidos pela pandemia. A Diretoria 2020/2021 cria, então, uma edição extraordinária, já lançada *online*, com o título *Aberturas*, a fim de contemplar este momento tão difícil que todos estamos vivendo. Agora, mesmo sem voltar ainda à vida “normal”, retomamos o número anteriormente previsto, dando continuidade à publicação das inúmeras contribuições recebidas.

Segredos: afinal, quem não os tem? O Aurélio define segredo como aquilo que não pode ser revelado, é algo confidencial, associado a mistério, sigilo e enigma. Em geral, está ligado a dados pessoais, dignidade, culpa, herança familiar e liberdade pessoal.

Freud, em várias passagens de sua obra, emprega a palavra segredo. Para ele, há várias conotações diferentes, pois pode ser consciente ou inconsciente, pode ser dividido entre apenas algumas pessoas ou guardado a “sete chaves”.

Este tema nos leva a inúmeros questionamentos: qual o peso de um segredo? (como nossa capa mostra). Nem todas as pessoas conseguem manter um segredo por toda uma vida, por serem conteúdos muito pesados e difíceis de sustentar por muito tempo. Temos dúvidas que nos assolam como: quando um profissional deve quebrar um sigilo/segredo para o bem do seu paciente? Quantos segredos contemos dentro de nós que não sabemos conscientemente e nunca desvendaremos? O divã é o lugar onde é possível desvendar e falar de segredos sem medo? Certamente, os pacientes escutam dos analistas muitos segredos que não imaginavam ter e inúmeras vezes mostram grande resistência para aceitá-los.

Alguns segredos se configuram como verdadeiras heranças de família e são transmitidos às seguintes gerações de modo silencioso. Muitas vezes, são usados como uma armadura de proteção que assegura a sobrevivência dos interessados. Segredo, preconceito, ética e sigilo caminham de mãos dadas. O sigilo está previsto em lei, presente no Brasil desde a primeira Constituição Federal. Em alguns casos, é considerada como crime a violação de um segredo profissional, sendo um direito do paciente/cliente, e diz respeito à ética da relação.

Além dos psicanalistas, muitos outros profissionais trabalham com o juramento do sigilo e da ética. Contamos, neste número, com contribuições de uma juíza da Vara de Família, Dulce Ana Gomes Oppitz, de um cirurgião oncologista, André Fay, e de um filósofo, Henrique Raskin, todos vivendo, com frequência, situações espinhosas em relação a este assunto.

Acreditamos que por ser tão árduo, para muitas pessoas, manter segredos, escrever sobre eles, mesmo sem revelá-los, é uma forma de amenizar essas toneladas de informações que nos são confiadas no dia a dia de nosso trabalho.

A seguir, estão as palavras da Presidente Ane Marlise Port Rodrigues e de alguns colegas de nossa Sociedade que nos brindaram com suas opiniões e vivências inspiradoras e criativas.

Também, nesta edição, poderemos conhecer um pouco das propostas das Diretorias da Brasileira que, com muito entusiasmo, estão se propondo a oferecer aos membros e à comunidade em geral seus valiosos serviços e conhecimentos.

Nelson Asnis escreve, neste número, uma despedida ao nosso colega Nelson Langer, que faleceu neste ano, e Gley Costa também deixa uma homenagem ao querido Petrucci que, em agosto, despediu-se de nós.

Agradeço a colaboração dos colegas da Comissão Editorial Susana Magalhães Beck e Roberto Ossig Vasconcelos, bem como ao precioso trabalho da nossa bibliotecária Clarice da Luz Rodrigues e de Micaela Feijó Wünsch.

A todos, uma excelente leitura.

Rosa Beatriz Santoro Squeff
Editora e Diretora de Comunicação

Jornal da Brasileira

EXPEDIENTE

Editora:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Conselho Editorial:

Roberto Ossig de Vasconcelos

Susana Magalhães Beck

Revisão de português:

Débora Jael Rodrigues

Diagramação:

Marcelo Teixeira

Capa:

Micaela Feijó Wünsch

Bibliotecária:

Clarice da Luz Rodrigues

Secretária:

Daniela Bonn

Tiragem:

250 exemplares

DIRETORIA

Presidente:

Ane Marlise Port Rodrigues

Secretário:

Lores Pedro Meller

Tesoureira:

Silvia Stifelman Katz

Diretora Científica:

Christiane Vecchi da Paixão

Diretora de Comunicação:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Diretora de Relações com a Comunidade:

Caroline Milman

Diretora do Centro de Atendimento

Psicanalítico (CAP):

Astrid E. Müller Ribeiro

Diretora de Divulgação:

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Silvia Brandão Skowronsky

Secretária:

Lísia Coelho Leite

Coordenadora da Comissão de

Seminários:

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Coordenadora da Comissão de Formação:

Laura Ward da Rosa

Coordenador da Comissão de Formação

em Psicanálise da Infância e Adolescência

César Augusto Antunes

Associação de Membros do Instituto:

Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

Esta edição de nosso jornal, com o tema *Segredos*, retoma o número que já estava em andamento quando a pandemia do coronavírus nos tirou de nossos caminhos habituais e previstos. Fizemos, anteriormente, uma edição extraordinária de nosso jornal com o tema *Aberturas* para dar voz à nossa perplexidade diante do inesperado e estranho trazido pela pandemia.

Na metade do mês de março, entramos em isolamento social a fim de impedir a disseminação descontrolada e veloz do vírus, o que colocaria nosso sistema de saúde em colapso e levaria à falta de leitos nas UTIs hospitalares, ameaça que nos assombrou no mês de julho.

Tentativas de abrir o comércio e saídas gradativas do isolamento vêm sendo feitas, mas, como era previsto, o número de contaminados e as hospitalizações aumentaram, levando a novas restrições. Pelo que se apresenta, serão várias as ondas de aumento e diminuição das curvas de contágio. Em um país continental como o Brasil, temos múltiplas epidemias, diferindo em curvas e ondas dentro de um mesmo estado.

Nossa sede segue fechada para encontros presenciais. Além dos atendimentos *on-line* aos pacientes, a questão do *on-line* se impôs para todas as atividades societárias, desde os seminários do Instituto de Psicanálise até as várias reuniões, atividades científicas e o atendimento pelo nosso Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP).

A Brasileira foi exigida a equipar-se rapidamente na área tecnológica e começa a desenvolver canais de comunicação *on-line* com grupos de Santa Catarina e do interior do RS. O curso criado pela Comissão de Relações com a Comunidade, enfocando o atendimento *on-line* e as questões técnicas para esse peculiar momento, teve grande procura. Além de divulgar a psicanálise e a nossa Sociedade, permite um ingresso financeiro nesses tempos de dificuldades econômicas generalizadas.

Definitivamente, o mundo não será mais o mesmo também para a SBPdePA, com mudanças que vieram para ficar e para aprimoramento constante.

Queremos novamente agradecer a todos os colegas de nossa Sociedade que, com dedicação e criatividade, vêm contribuindo para esses novos e instigantes modos de ser da Brasileira. Nosso Instituto de Psicanálise criou, para o segundo semestre/2020, uma planilha de seminários muito rica e diversificada, incluindo um seminário com o professor de filosofia Júlio Bernardes sobre como se desenvolve o totalitarismo.

Retomando o tema desta edição, a questão do segredo nos remete ao menos a duas faces: o direito à intimidade e à privacidade próprias a cada sujeito (sentindo-nos invadidos quando alguém quer saber todos os nossos segredos), até o "não dito", que terá efeitos nas produções do inconsciente, buscando falar por meio de sintomas, atos falhos, sonhos e na transferência.

Sabemos que segredos familiares terão algum tipo de apresentação nas gerações que se sucedem e seus efeitos traumáticos, ao não ser elaborado o trauma,



são transmitidos inconscientemente e deixam marcas e cicatrizes no psiquismo.

A elaboração de traumas, além da questão individual, envolve fenômenos do grupo social. A escritora Toni Morrison, em 1995, coloca como gêmeos o racismo e o fascismo. Na medida em que é criada uma supremacia branca, mantida por privilégios econômicos, políticos e sociais, os negros são os indivíduos que mais ficam à margem dos benefícios do desenvolvimento. Também são os que mais morrem devido à pobreza e violência policial. A crescente organização de movimentos antirracistas é absolutamente imperiosa para que nosso país faça frente a essa dívida histórica criada pelo racismo estrutural vigente. Vivíamos como se o racismo no Brasil estivesse em segredo, desmentido, reeditando o traumático a cada dia. Urge desvelar essa violência e elaborar essa dor histórica e vergonhosa com mudanças afirmativas e verdadeiras. Esse racismo deixa marcas também no inconsciente, levando a sensações de inferioridade e medo.

Quando pensamos na transmissão inconsciente, mesmo daquilo que não queremos revelar, perguntamos se é possível esconder algum pensamento ou sentimento secreto. Muitas vezes podemos sentir que algo há, mesmo que não saibamos exatamente o quê ou como colocar em palavras. Essa transmissão é válida tanto no âmbito do individual quanto do coletivo (como na situação do racismo, por exemplo).

Há autores que se perguntam: como conciliar a exigência analítica de estimular o paciente a comunicar todos os seus pensamentos, sem retirar-lhe a possibilidade de nem tudo dizer?

Sabemos, por outro lado, que o que se revela sempre vai deixar restos não alcançados, impossíveis de toda revelação.

Portanto, segredos à parte, usufruam das várias revelações que esta edição de nosso jornal nos traz!

Que todos sigam bem!

Até mais!

Ane Marlise Port Rodrigues

Presidente da SBPdePA - Gestão 2020-2021

Segredos: a perspectiva de um oncologista

André P. Fay

Médico oncologista. Chefe do Serviço de Oncologia PUCRS/HSL/Grupo Oncoclínicas. Professor de Medicina – Faculdade de Medicina da PUCRS. Pesquisador visitante – Dana-Farber Cancer Institute



Muitos me perguntam por que escolhi ser oncologista. Obviamente, penso que esta pergunta está associada ao fato de que nós, oncologistas, enfrentamos, no dia a dia, situações que trazem consigo uma boa quantia de sofrimento. Felizmente, esta é uma realidade cada vez mais distante em decorrência dos avanços da medicina e do conhecimento sobre a biologia escondidos por trás de um câncer extremamente agressivo. Porém, não posso negar: há dias difíceis.

Talvez faltassem páginas para que pudéssemos mergulhar no cerne desta questão. Sem entrar nas profundezas das razões que determinaram esta escolha, respondendo que, nesta especialidade, por compartilharmos situações e vivências muito difíceis, existe uma relação médico-paciente muito forte e extremamente necessária para o sucesso de um tratamento. Esta aproximação acontece como consequência do compartilhamento empático dos mais profundos sentimentos que emergem de tais diagnósticos. Essa relação me fascina! A habilidade de estabelecer esta aproximação é, para mim, em dias em que o conhecimento científico está facilmente disponível em um toque na tela no telefone celular, uma das características que diferencia os bons oncologistas. Arrisco-me a dizer que é uma interação tão intensa quanto aquela que surge em um tratamento psicanalítico de sucesso. Juntamente com as dores do

corpo, recebemos as dores psíquicas de um ser humano.

Historicamente, a palavra câncer tem uma forte associação com morte, dor ou sofrimento. Apesar de todos os avanços científicos na oncologia, isto ainda não se modificou. Alguém que recebe o diagnóstico de uma doença potencialmente fatal, mesmo em estágios iniciais, que será curada com um simples procedimento cirúrgico, tem seus momentos de profunda reflexão. “Perdem o chão”. Nestes momentos, surgem diferentes significados para as coisas que estão ao redor: tanto para as relações afetivas, quanto para as questões materiais. É ainda mais doloroso quando enfrentamos diagnósticos de doenças incuráveis quando teremos que lutar, dia após dia, para prolongar a vida, minimizando sofrimento físico e psíquico.

Apesar de ser um grande admirador da psicologia e da psicanálise, não me arriscaria, aqui neste espaço, a citar Freud ou outros pensadores para guiar minhas reflexões. Entretanto, trago versos de Herivelto Martins, gravados por inúmeros ícones da nossa música popular brasileira, que me ajudam a refletir sobre segredos a cada vez que os ouço tocar.

“Seu mal é comentar o passado
Ninguém precisa saber
O que houve entre nós dois
O peixe é pro fundo das redes
Segredo é pra quatro paredes
Não deixe que males pequenos

Venham transtornar os nossos destinos

O peixe é pro fundo das redes
Segredo é pra quatro paredes
Primeiro é preciso julgar
Pra depois condenar”

A experiência me ensina que não há segredo que sobreviva ao sublime enfrentamento da morte e da finitude. Nós, oncologistas, somos fiéis depositários de segredos. Alguns deles talvez sejam revelados sem que o próprio paciente perceba que está dividindo tamanha intimidade. Os sofrimentos gerados por uma doença incurável, quando o corpo ainda não acusa os sintomas derradeiros relacionados à evolução da doença, trazem à tona os mais profundos sentimentos. E estes precisam ser compartilhados com alguém. Segredos podem ser uma outra doença a qual o paciente não gostaria de compartilhar com amigos e familiares por medo do preconceito que poderia trazer: uma questão afetiva proibida que mudaria destinos de forma radical, preocupações com os sofrimentos gerados em quem se ama ou, até mesmo, resoluções financeiras que até então não se faziam importantes.

Ao sermos escolhidos para confidenciar aquilo que não poderia ser compartilhado, saímos, mesmo que momentaneamente, do papel de oncologistas para escutar e tentar aliviar um outro tipo de sofrimento. Este último, não menos importante do que aquele que trouxe o paciente até nós. É

preciso perceber o quão importante é a manutenção do sigilo desta informação, não somente para seguirmos preceitos éticos fundamentais, mas para que possamos ser um apoio confiável no processo de superação desta dor. Um segredo de alguém de 70 anos de idade pode, muitas vezes, não ser bem compreendido por um jovem oncologista de 37 anos, como no meu caso, em razão das experiências de vida distintas.

Entretanto, o compartilhamento imparcial e empático da dor é que torna a relação médico-paciente única e cria as condições necessárias de aproximação e parceria no enfrentamento de tamanha dificuldade.

Simultaneamente, vivemos situações semelhantes, mas sob outra perspectiva: a de familiares ou pessoas muito próximas ao paciente que passam a lidar com o sentimento de perda do ente querido. Neste momento, cada um expressa suas inquietudes de diferentes formas. E conseguir trabalhar tais segredos de forma respeitosa e individual pode tornar um processo extremamente pesado em outro um pouco mais leve.

Valorizar os sentimentos de quem vive junto às dores da doença tem papel fundamental no enfrentamento do processo orgânico. À medida que estes sentimentos emergem e adquirem significado, muitas das preocupações em torno de um segredo naturalmente deixam de existir.

Esconder as incertezas relacionadas ao prognóstico de uma doença oncológica, por exemplo, é tema recorrente por parte daqueles que tentam proteger as pessoas a quem amam de um grande sofrimento. Que bom seria se pudéssemos minimizar sofrimentos simplesmente mantendo algumas informações em segredo... Não é incomum que, frente a um desejo incontável de familiares querendo manter a certeza de um desfecho ruim guardada a sete chaves, ouçamos do paciente que não quer saber sobre o seu prognóstico e que seguirá enfrentando a doença com o mesmo vigor. Ou que, paradoxalmente, ele sabe tudo o que vai acontecer e que seguirá o enfrentamento de cabeça erguida. O oncologista, diante de um segredo que é passível de ser revelado, serve como um elo en-

tre as diferentes percepções e, na ausência da dor antecipada, auxilia na desconstrução de determinados sofrimentos. Por outro lado, existem segredos que não podem ser compartilhados. Pertencem única e exclusivamente àquela pessoa. Esses nos ajudam a navegar pelos rios tortuosos do combate ao câncer, mas ficam guardados, registrados, e ali ficarão.

Nos poucos anos de tão recompensadora profissão, nunca vi reações iguais perante a possibilidade concreta da morte. Sinto que muitos dos segredos compartilhados precisavam, de fato, ser compartilhados e isso ajuda no processo de cura ou até mesmo de morte. Diante da possibilidade concreta de ausência definitiva, culpas podem ceder espaço ao perdão e tantos outros sofrimentos são evitados. Como cantou Herivelto Martins: "Não deixe que males pequenos venham transtornar os nossos destinos". Este é o nosso papel. Continuarei guardando, entre quatro paredes, vivências muito ricas que, sem dúvida, transtornam e transformam destinos. O meu próprio destino. Por essas e outras razões, escolhi ser oncologista.

Segredos...

Eluza Maria Nardino Enck

Membro titular em função didática da SBPdePA e psicanalista da infância e adolescência (IPA)



Do latim *secretus*, que significa "à parte, isolado, oculto", manter segredo de algo é deixá-lo fora do conhecimento. É uma palavra "bailarina": apresenta-se em muitos palcos, com várias coreografias, às vezes peças alegres, às vezes tristes, às vezes trágicas.

O corpo contém segredos, a alma contém segredos. E o que dizer da mente? Que caminhos tomarão estes segredos?

Sabemos que, para que a criança se constitua como sujeito, ela precisa do outro, pois sua subjetividade é construída na inter-

subjetividade. Françoise Dolto, em sua larga experiência com crianças institucionalizadas, entendeu que isso depende do reconhecimento de sua história pelo Outro que pode, por meio de um jogo intersubjetivo fundador da consistência psíquica do sujeito em formação,

restituí-la à criança. Para ela, o sintoma se apoia na estrutura familiar, fruto daquilo que é negado no discurso dos pais. Assim, o segredo se torna um fator dificultador dos processos de constituição da subjetividade.

Segredos a serem revelados ou não, segredos guardados a sete chaves porque temidos, porque sofridos, porque desconhecidos.

Já em 1919, Melanie Klein, ao observar seu filho Erich, o qual lhe causava inquietações e preocupações relativas ao seu desenvolvimento intelectual, começa a desenvolver a ideia de que revelar à criança a verdade a respeito de suas curiosidades, ajudá-la a desvendar e nomear os segredos que o mundo, o ambiente e o seu corpo e sua mente abrigam traria grandes benefícios ao seu desenvolvimento. Caso contrário, se negados ou distorcidos, dificuldades diversas de gravidade variada poderiam advir.

As consequências de segredos guardados pela insuportabilidade das emoções envolvidas perpassam gerações e causam grandes males às crianças e adolescentes,

que passam a ser acionados por uma força alheia a seus genuínos desejos. Algo fica de fora, alguém fica de fora de sua própria história, fica fora de algo que lhe pertence. Fica de fora, doendo dentro, palpitando, acionando, gritando, escondido por outros, escondido de si mesmo.

A criança é obrigada a fechar os olhos para o que não vê sentido e, quando adulta, ela mantém a perspectiva da criança impotente, invadida e desprotegida, sob o efeito da potência da proibição do conhecimento, do segredo que não pode ser revelado. Ela não sabe que está dominada pelo medo, pelo “pacto” de manutenção de um segredo, e só evoluirá desta posição infantil quando perder o medo de ser castigada e puder buscar informações sobre a realidade ocultada.

A revelação do segredo, o conhecimento da verdade liberta. Liberta das correntes do domínio de ocultação da verdade, da necessidade de não saber, de não pensar e ter que agir. Com isso, a curiosidade se desperta assim como o prazer pelo acesso ao conheci-

mento, não mais proibido, e abre espaço para liberdade de ser.

É quando os segredos que aprisionam e que, mesmo compartilhados, mantêm este sentido para ambos os participantes e dão lugar para os segredos compartilhados com outrem – “este é o nosso segredo”, dizem as crianças – eles têm um sentido de confiança e autonomia quando a criança ou o adolescente escolhe o que e com quem deseja compartilhar.

Com isso, a atuação do não revelado, do não revelável, se interrompe, dando lugar para o conhecimento e aprofundamento das emoções da própria história.

É possível que estejamos agora nos referindo a outro tipo de segredo ou a uma outra condição de segredo, agora possível pela liberação da capacidade de pensar que é, antes de tudo, o reconhecimento do direito de manter os próprios pensamentos secretos e protegidos do olhar do outro, uma conquista do eu, uma conquista de autonomia frente ao desejo materno/paterno(familiar).

A “traição” de um segredo deverá acontecer.

Do poema à prosa, do segredo à saúde

Celso Gutfreind

Membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

Convidado para refletir sobre o tema do segredo, tentei integrar os dois gêneros, em termos de forma, que me foram sugeridos para abordar o assunto: um poema e um artigo, juntos, com a ideia de que toda saúde mental mira uma integração. O pedido já denotava a possibilidade de integrar e a perspectiva de uma interação de qualidade.

Então, retomei o trecho de um livro sobre a parentalidade que publiquei há alguns anos. Ali, parti de um poema do Drummond para mostrar o quanto Freud estava certo ao dizer que os artistas chegam antes dos psicanalistas aos temas mais caros do inconsciente.

Anos e leituras depois, amadureceu-me a ideia de que a saúde mental começa poeticamente nas

interações (prosódicas, imagéticas) entre o bebê e seus cuidadores para, depois, poder continuar, sob a forma de prosa, com uma criança capaz de dizer ou contar a sua vida. Daí também a estrutura escolhida para esta breve reflexão: um poema, antecipando o tema, seguido de uma prosa capaz de apropriar-se da saúde deste começo possível.



O poema (fragmento):

Nascer: findou o sono das entranhas
[...]
Tão doce era viver
sem alma, no regaço
do cofre maternal, sombrio e cálido.
Agora,
na revelação frontal do dia,
a consciência do limite,
o nervo exposto dos problemas.
[...]
O incerto e suas lajes
criptográficas?
[...]
Eis que um segundo nascimento,
não adivinhado, sem anúncio,
resgata o sofrimento do primeiro,

e o tempo se redoura.
Amor, este o seu nome.
Amor, a descoberta
de sentido no absurdo de existir.
O real veste nova realidade,
a linguagem encontra seu motivo
até mesmo nos lances de silêncio.
[...]
A minha festa,
o meu nascer poreja a cada instante
em cada gesto meu que se reduz
a ser retrato,
espelho,
semelhança
de gesto alheio aberto em rosa.¹

A nossa prosa para o poema:

Lemos que, para o poeta, o nascimento verdadeiro não é o primeiro ou o concreto e, sim, dá-se posteriormente, quando a imagem das entranhas, subjetivamente, consegue encontrar sentidos (como em uma análise), assim como as histórias podem encontrar ouvidos. E impõe-se a imagem do real encontrando nomes e silêncios para o verdadeiro nascimento. E a imagem da flor avulta como mães na hora em que são ouvidas ao contarem os momentos mais silenciosos de suas histórias de filhas.

Aí é que está: precisa começar, com o perdão da redundância, no começo, quando as futuras mães são ainda bebês, mas já desejando ser escutadas (de verdade) pelas próprias mães. E a elas cabe contar as suas ficções mais verdadeiras. Hoje, não se tem mais dúvida de que cantigas de ninar e histórias infantis são símbolos da mais pura verdade que as crianças vivem. São, em si, a revelação dos segredos na forma mais comunicável possível.

O verdadeiro nascimento não é, portanto, biológico. Ele é afetivo, no desejo maternal, primário e doido, de construir o vínculo. Mas somos estruturados pela linguagem, pelas palavras, pela narrativa que sucede à poesia. O segredo, portanto, opera como um fantasma, detendo o poético e o narrativo, parindo uma linguagem truncada ou neurótica. A nossa clínica nos conta, diariamente, o quanto as interações reais e afetivamente saudáveis podem padecer de falhas da ordem do não dito, do invisível ou do fantasmático. A nossa clínica, justamente, é o espaço de dizer, de ver e desfazer fantasmas, dando-lhes rosto, corpo, nome. Desfazemos segredos. Refazemos verdades.

Drummond, sem mencionar a imagem de amantes, chamou o processo de amor. Mencionando pais, filhos e analistas, chamamos também de amor, como esta capacidade de contar a própria história sem estar devendo aos fantasmas do passado. O construto poético-narrativo bem serve ao que se passa no amor e nas análises, que são histórias de amor.

Falar de pais e filhos é falar sobre poder falar. Construir a própria história, banhar-se das origens. Em nossa leitura, o poema de Drummond celebra inexatamente isso, com a imagem certa do incerto e das lajes criptográficas, que precede o segundo e verdadeiro nascimento. Há quem diga que todos somos adotados, mesmo pelos pais biológicos, mas a verdadeira adoção só pode se dar em um ambiente isento de mentiras. Segredos truncam-na, fazem conluios com os fantasmas e, assim, não os desfazem, nossa tarefa maior.

Drummond não leu Abraham e Torok que utilizaram, "cientificamente", a mesma imagem da cripta como algo subterrâneo para esconder algo e que também não o leram. Tampouco, foram lidos por Freud, mas a poesia de um e a prosa dos outros nos sugerem, forte e poeticamente, que o segredo gera estas criptas (artísticas, científicas) que estancam a poesia e a prosa, sem as quais não se pode falar em saúde, esta capacidade, longe dos segredos, de dizer e ouvir, bem de perto, o maior número possível de verdades.

¹ Andrade, C. D. (2005). Nascer de novo. In *A Palavra Mágica*. p. 45.

O peso dos segredos

Dulce Ana Gomes Oppitz

Juíza de Direito, Coordenadora do Centro Judiciário de Solução Consensual de Conflitos



Na minha profissão, segredos são a regra. Partes têm segredos para com os seus advogados que, por sua vez, têm segredos para com o juiz, que “não pode conhecer” aquilo que não é revelado nos autos do processo. E como o segredo, segundo o dicionário Houaiss, é “o que não pode ser revelado”, o juiz dificilmente chegará à verdade. Por isso também se diz que a verdade, no processo, é relativa.

Porém, ter segredos significa também carregar o peso de mantê-los, o que faz com que, às vezes, a sua revelação, embora possa gerar sofrimento às pessoas atingidas pelo fato revelado, ao mesmo tempo signifique libertação para aquele que o guardava. E é nos processos de família (talvez porque o ambiente familiar seja mais propício aos segredos) que podemos mais frequentemente nos deparar com esse dilema, qual seja, o de guardar um segredo e carregar o peso de ser a única pessoa que conhece a verdade, ou revelá-lo e arcar com as consequências, que podem ser desde a dissolução dos vínculos afetivos (como o divórcio e a dissolução de união estável), até fatos mais graves que atingem eventual prole, tais como o abandono material e afetivo, a alienação parental etc.

As vezes, a revelação de um segredo tem força bastante para romper vínculos que até então pareciam bem estabelecidos; às vezes a revelação é feita justamente para dar causa ao rompimento; às vezes a relação foi construída com base em pequenos segredos os quais, quando revelados, fazem com que seus integrantes nem mais se reconheçam.

Para ilustrar, trago dois casos que vivenciei nas muitas audiências de família que presidi e que bem exemplificam o peso dos segredos e os seus reflexos nos relacionamentos. Os nomes das partes são fictícios.

No primeiro caso, tratava-se de um ex-casal de aproximadamente 40 anos, partes num processo de regulamentação de visitas ao seu filho mais novo, Lucas, de 6 anos. A mãe da criança, Maria, que era autora da ação, ingressou na sala de audiências cabisbaixa e aparentemente abatida. O pai João, por sua vez, parecia incomodado com o fato de ter que estar presente à audiência. Quando instada a falar, Maria contou que, logo após a separação, João buscava o filho para a visitação, mas depois de algum tempo, passou a levar para as visitas somente a filha mais velha do casal. Perguntei então ao João por que não levava mais o Lucas para as visitas. Ele respondeu, mostrando muita indignação, que Lucas não era seu filho e por isso não mais o visitaria. Disse:

— Logo que me separei da Maria, quando ia buscar a nossa filha, Lucas queria ir junto, eu ficava com pena e o levava. Mas, cada vez que olhava para Lucas me lembrava da traição e não conseguia superar. Ficava com raiva da criança, mesmo sabendo que ela não era responsável pela traição da mãe. Aí, com o tempo, fui inventando desculpas até deixar de levá-lo.

Tentei argumentar que, para Lucas, João era o seu pai e que abandoná-lo certamente lhe causaria muito sofrimento. Disse-lhe que o mais importante era a pa-

ternidade socioafetiva e que o menino não deveria responder pelos atos da mãe. Porém, João se manteve intransigente. Pagaria a pensão enquanto fosse obrigado, mas não faria as visitas, dando por encerrado o assunto.

Não houve, dessa forma, acordo. Encerrei o termo de audiência e entreguei para as partes assinarem, sendo que João saiu rapidamente da sala. Antes de Maria sair, decidi perguntar-lhe como João tinha descoberto que o Lucas não era seu filho. Ela confessou:

— Eu contei, doutora, por medo. O Lucas ficou doente, tinha que fazer exames e eu achei que João poderia descobrir, então resolvi contar de uma vez. Melhor agora que depois que o Lucas crescer. Agora ele está sofrendo, fica todo o tempo pedindo quando vai conhecer o outro pai. Fico com pena do menino, também me faz sofrer, mas, apesar disso, estou aliviada. Não preciso mais esconder a verdade e com o tempo ele vai superar.

O segundo caso era um pedido de divórcio por um casal jovem, ambos aparentando cerca de 30 anos. Estavam casados há 5 anos e tinham filhos. Perguntei se queriam mesmo o divórcio e ambos responderam que sim. Alberto, entretanto, resolveu acrescentar que não poderia mais viver com Lúcia porque ela o tinha enganado. Disse:

— Ela era uma garota de programa antes de nos conhecermos, doutora. Me enganou. Achei que estivesse casando com uma pessoa e, de fato, era outra. Se “fazia de santa”. E o pior é que só descobri porque encontrei uma agenda dela com nomes dos ex-clientes,

datas e locais dos encontros. O que os amigos comuns, que sabiam do seu passado, devem estar pensando de mim? A família dela? Os “caras” com quem ela saía? Certamente que sou “um trouxa”!

Olhei para Lúcia e ela nada disse, aceitando a versão de Alberto. Argumentei então que os fatos que aconteceram antes de se conhecerem não eram importantes, mas sim aquilo que construíram depois e que, se ainda houvesse amor, a situação poderia ser superada. Disse-lhes que não importava o que os outros pensavam, mas o que eles ainda poderiam viver. Pareceu-me, naquele momento, que Alberto somente queria que Lúcia lhe pedisse perdão e declarasse seu amor, com o que seria imediatamente perdoada. Porém, Lúcia revelou:

— Guardei aquela agenda porque tem outros contatos que queria preservar. Fui procurar o telefone de uma antiga amiga que queria reencontrar e esqueci a agenda sobre o criado-mudo. Mas de fato, doutora, isso não importa mais, não fiz nada de errado no nosso relacionamento. Quero o divórcio porque não sou mais feliz neste casamento.

Depois dessa revelação, não havia mais nada a ser dito. Dei-me conta de que esse era o grande segredo de Lúcia, em relação ao qual não cabiam desculpas, nem perdão. Prosseguimos com a partilha dos poucos bens que adquiriram na

constância do casamento. Alberto com lágrimas nos olhos, Lúcia sem dirigir-lhe o olhar, como havia feito desde o início da audiência, saíram da sala como dois desconhecidos, sem raiva, só tristeza.

Esses exemplos são, para mim, paradigmáticos em relação aos segredos. No primeiro, embora a confissão de Maria tenha se dado, aparentemente, por receio em relação à saúde do filho, também foi a oportunidade de libertá-la das amarras do segredo guardado. Foi egoísta ao fazê-lo? Não sei. Talvez não quisesse esperar o filho crescer e ser julgada por ele; talvez acreditasse que o amor de João pelo filho seria maior do que a raiva que sentiria dela. O fato é que o segredo não só pôs fim à relação do casal, como também atingiu diretamente o filho Lucas e, indiretamente, a outra filha do casal. Ainda assim, Maria optou por trocar o peso do segredo pelas esperadas dificuldades decorrentes da sua revelação.

No segundo caso, a exposição da verdade, mais do que libertar Lúcia de um segredo antigo, libertou-a do casamento que a fazia infeliz. O seu grande segredo era que não estava mais feliz naquela relação. Talvez, para ter coragem de admitir o desamor e pôr fim ao vínculo conjugal, Lúcia precisasse revelar o outro segredo, como que de forma a isentar-lhe da culpa de tomar a iniciativa na separação, o que leva à constatação de que a

agenda não havia sido simplesmente “esquecida” sobre o criado-mudo, ainda que inconscientemente.

Em muitos outros casos que vivenciei – na verdade a maioria –, os segredos são pequenos, aparentemente sem importância, e vão sendo construídos ao longo do relacionamento, até como uma forma de mantê-lo. Quando revelados, porém, libertam quem os guardava não somente da sua carga, mas também de um vínculo que, de fato, há muito já não lhes servia.

Com base nessas experiências, posso concluir que os segredos se prestam tanto para preservar uma relação como para rompê-la. Por vezes, os segredos dizem respeito a fatos importantes, por vezes insignificantes, mas, ainda assim, aprisionam aqueles que os guardam. Expor uma verdade oculta será sempre uma libertação do peso do segredo, mas também, pensando nas questões de família, poderá ser uma libertação dos relacionamentos que, pelo segredo, são influenciados ou no seio do qual foram alimentados.

Os segredos fazem parte da vida, e “a vida é o que acontece, e não uma sucessão de hipóteses” (Pachá, 2019), razão pela qual nunca se pode prever a carga que um segredo representará na vida de uma pessoa ou as consequências de sua eventual revelação. Segredos, portanto, melhor não tê-los!

Três importantes missões dos pais

Gley P. Costa

Membro Fundador, Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Professor da Fundação Universitária Mário Martins.



Uma criança, quando nasce, é um novo ser na vida. A primeira e fundamental missão dos pais é prepará-la para se tornar um novo ser no mundo. Contudo, as etapas de

capacidade e crescimento devem ser observadas, evitando os saltos e a pressa, pois ambos encaminham a criança para a pseudomaturidade, além de privá-la dos ganhos

proporcionados pelos sucessivos estágios do desenvolvimento.

Tendo em vista o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, a segunda missão dos pais é

ajudar os filhos a se tornarem pessoas autônomas e independentes. O fracasso nessa tarefa gera adultos ressentidos por permanecerem incapazes de atender as suas necessidades e de agir de acordo com a sua vontade, comprometendo, inclusive, o sentimento de gratidão em relação aos pais.

Por fim, a terceira e mais sutil missão consiste em fazer os filhos entenderem que a vida de cada um precisa ser inventada, não segue um roteiro preestabelecido nem pode ser preparada pelos pais, por mais recursos intelectuais e materiais que eles disponham.

Quando os pais “bondosamente” entregam uma vida pron-

ta aos filhos, um caminho previamente traçado, o sentimento inevitável dos últimos é de um crescente esvaziamento interno, pois tudo o que fazem e conquistam é percebido como não lhes pertencendo. Nesses casos, é comum constatar o consumo continuado de bebidas alcoólicas em quantidade excessiva depois do horário de trabalho e nos fins de semana, promovendo um estado de entorpecimento para aplacar o desvalimento que se apropria do sujeito quando ele não se encontra ocupado.

Essas três missões, embora simples e acessíveis a qualquer pessoa, não são cumpridas com

facilidade devido às limitações dos pais, impostas pelos seus próprios aspectos onipotentes e narcísicos projetados nos filhos. O resultado é o estabelecimento de uma conduta superprotetora que impede os filhos de se tornarem um ser humano único, de encontrarem seu próprio caminho, de viverem sua própria vida. Por último, não podemos perder de vista que, para ser verdadeira e confiar em si própria, a criança precisa receber esses indispensáveis cuidados reveladores do amor dos pais, os quais não exigem nem conhecimento nem fortuna, mas a percepção do que é essencial na criação dos filhos.

Segredos de um novo século

Henrique Raskin

Doutor em Filosofia pela PUCRS e professor de Relações Internacionais na Universidade Positivo



Muito se especula sobre como será o mundo pós-pandemia da COVID-19. De um lado, há os que defendem que tudo voltará ao normal; outros sugerem que alguns hábitos que adotamos nessa crise permanecerão conosco. A historiadora e antropóloga Lília Schwarcz já afirma que essa quarentena é que encerrará, por fim, o século XX.

Essa perspectiva, ancorada na noção de eras de Eric Hobsbawm, é interessante na medida em que está atenta para uma determinada lógica que carimba os diferentes períodos da história. Vem, desde os românticos alemães e Hegel, sob a forma do conceito *Zeitgeist*, o espírito de um determinado tempo que, em sua configuração, reflete uma nova lógica que se concretiza na vida em sociedade. Que lógica será essa, então, a do século XXI?

A resposta que Hegel daria não seria tão animadora para quem busca decifrá-la hoje. Isso porque o reconhecimento dessa lógica é sempre tardio, posterior aos acontecimentos; o filósofo não deve propor o novo tempo, mas apenas pode sintetizar o que já está estabelecido – afinal, “a coruja de Minerva somente começa seu voo com a irrupção do crepúsculo”.

No entanto, não somos impedidos de tentar captar a nova lógica, presente nas entrelinhas deste novo cenário. As entrelinhas são como os segredos – ocultos, isolados, segregados – que, à primeira vista, não se mostram na superfície. Subjazem e configuram a aparência que uma nova realidade toma, mesmo sem parecerem estar lá. No caso da psicanálise, revelam-se, aos poucos e *a posteriori*, os segredos de um paciente

e o sentido que eles trazem. Do mesmo modo, o século XXI, aos poucos, se revelará também.

A pandemia da COVID-19 e o seu consequente isolamento social parecem revelar o segredo, já latente, de exaustão da globalização acelerada dos anos 80. Trazem manifestos, assinados por acadêmicos e cientistas, propondo políticas econômicas de decrescimento (*de-grow*); discursos nacionalistas contrários aos regimes internacionais, mediados por organizações mundiais; ou bandeiras ambientalistas críticas ao consumo e à tecnologia, tais como os que conhecemos. Trazem distintas e contrastantes perspectivas que, juntas, porém, parecem constituir e compor uma nova lógica.

Que lógica será essa? Descobriremos com o tempo. Por enquanto, atentemos para os segredos que vão sendo revelados.

Segredo

José Ricardo Pinto de Abreu

Membro Associado da SBPdePA



Consultando o dicionário etimológico, verificamos que segredo se refere ao escondido, oculto, ignorado¹. O segredo, frequentemente, tem conotações obscuras e, não raro, ouvimos pessoas referindo com altivez moral que sua vida própria é transparente, um livro aberto, que nada têm a esconder. Embora, necessariamente, o segredo não tenha conotação delituosa, impura ou pecaminosa, geralmente é entregue de forma confidencial e raramente declaratória.

Outras vezes, o segredo é tratado como algo desejado e o seu conteúdo pode revelar o acesso à beleza, ao amor, ao saber, à fortuna e ao poder. Existem *best sellers*² que apontam nessa direção. Os autores e aqueles que são capazes de revelar os segredos da fama podem se tornar objetos de admiração, sendo frequentemente idealizados como sábios, ganham notoriedade e podem se candidatar, por algum tempo, ao título de condutores do caminho à felicidade. Poderiam ser considerados como profetas da contemporaneidade, embora não apontem um caminho religioso, que poderia salvar eternamente; na pós-modernidade e nos tempos líquidos de hoje, prometem o encontro com o gozo imediato. Esses, que “sabem das coisas”, têm o segredo do cofre, podem ser os gurus

atualizados nas figuras da mídia moderna como os artistas *pop*, os jogadores, os comunicadores e os influenciadores de opinião; arrebanham milhares de seguidores.

Deste modo, em decorrência da personalidade de quem o guarda e do modo como é revelado, o segredo pode ter conotações mais melancólicas, paranoides ou maníacas. Porém, o que muito valoriza o segredo é a comoção que pode causar quando da sua revelação. Geralmente, não se guarda segredo de algo simples e pequeno e, obviamente, a grandeza está ligada às fantasias onipotentes que cada pessoa projeta sobre os conteúdos.

Olhando o exercício da clínica, o material confidenciado pelo paciente é sigiloso, e somos responsáveis pela guarda desse material, não temos a sua propriedade e só podemos utilizá-lo no contexto profissional. Necessitamos do consentimento do paciente para utilizar informações sigilosas, salvo em situações excepcionais. Quando guardamos uma confidência em sigilo, poderemos estar fazendo um segredo pela condição de fiéis depositários. Assegurar nosso respeito às confidências e à guarda de material tão próprio é indispensável ao desenvolvimento compartilhado do clima de intimidade indispensável à relação terapêutica.

Ao apresentar a regra fundamental, condizente com o método, estabelecendo as condições para início da análise, solicitamos que o paciente nos revele tudo o que vier a sua mente (se possível, que não guarde segredos). Sabemos que essa aspiração encontrará obstáculos, escapando da vontade do paciente. Doravante, os segredos serão compartilhados, pois logo que guardamos o material clínico, em confiança, estamos criando segredos (co)privativos e trabalharemos dentro deles para tentar desfazê-los em conjunto com o paciente.

Desse modo, temos, em relação ao segredo, uma posição que se diferencia de outros profissionais, pois além de guardar os conteúdos, na condição de fiéis depositários, visamos compreender suas causas e motivações com a finalidade de que o próprio paciente se liberte das consequências de guardá-lo.

O segredo pode ser deliberado, exclusivo, criado por uma pessoa, imposto por outros de modo explícito ou velado sob forma de um pacto. Rastrear as motivações inconscientes do segredo é fundamental para o entendimento.

Freud adentrou-se nos segredos da mente, vencendo resistências do próprio paciente, e as suas mesmas, por meio da sua autoanálise. Descreveu o funcionamento

1 Cunha, A. G. (1992). *Dicionário etimológico*. Nova Fronteira da língua portuguesa. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.

2 Byrne, R. (2015). *Segredo*. São Paulo: Saraiva.

Eker, T. H. (1992). *O segredo da mente milionária*. Rio de Janeiro: Sextante.

3 Gay, P. (1989). Freud: *Uma vida para nosso tempo*, São Paulo: Companhia das Letras.

da mente, revelando e atualizando as memórias que, emergindo ao consciente, podiam ser transformadas e produzir efeitos libertadores de crescimento. Tornando consciente o inconsciente, iluminava os porões da mente na medida em que a repressão cedia onde poderiam ser encontrados os segredos sobre forma de desejos temidos e reprimidos.

Entretanto, o próprio Freud³, que analisou tantos segredos, tentou guardar/ocultar o conhecimento de sua própria doença, menosprezando sinais e sintomas de um câncer, tratado com certa demora, o qual, mais adiante, determinou o seu óbito. Inicialmente, tratou sua doença com certa displicência. Reclamou e, posteriormente, rompeu com o médico assistente que o protegeu de modo infantil da verdade, como disse. Mas sendo uma pessoa tão astuta e perspicaz, no caso da sua própria doença, parecia não querer reconhecer o fato. Quando se referia ao tratamento, geralmente, era breve. Todos que o rodeavam compartilhavam do mesmo silêncio em relação a sua doença, parecendo que Freud assim o desejava. Com a piora do quadro e admitindo o seu diagnóstico, teve outra atitude em relação ao tratamento, procurou recursos mais adequados e suportou várias cirurgias e intervenções invasivas, falecendo, anos mais tarde, com a dignidade que almejava.

Geralmente, um segredo, afóra seu conteúdo (que é o que o paciente refere), possui motivações desconhecidas. Deste modo, os segredos, ou melhor, seus conteúdos são o aspecto mais superficial, interessando, nem tanto o

manifesto, mas suas motivações subjacentes, o mesmo que vale para os sintomas das psicopatologias conhecidas ou manifestações de caráter.

O segredo perde sua consistência quando é compreendido. Depois de anos de tratamento, finalmente diz sobre o novo conhecimento adquirido "... e era só isso...". O isso, todavia, foi resultado de um árduo trabalho; justamente no isso que, desbotado das fantasias, revelou-se algo comum, sem as conotações onipotentes que cercavam o conteúdo.

Acima, referimo-nos ao segredo que seguiu a corrente da repressão. Todavia, o segredo pode ligar-se às correntes psíquicas⁴ mais com teor da recusa ou do repúdio. Situações traumáticas que podem arrasar o psiquismo, sem possibilidade de elaboração, permanecem mudas e produzem consequências marcantes no desenvolvimento pessoal. Chama atenção a experiência vivida pelas vítimas de abuso sexual ou de outras violências. No caso do abuso sexual, o segredo é mantido por muito tempo, sendo revelado sob circunstâncias especiais, frequentemente apoiadas em recursos externos e internos que asseguram a sobrevivência da própria pessoa ou dos próximos significativos. Violência física e sequestros, frequentemente, podem tornar a vítima cúmplice do agressor e, inclusive por submissão, justificá-lo.

O segredo ainda pode encapsular o trauma psíquico e ser "telescopado", constituindo matéria que pode sustentar a transmissão psíquica transgeracional, revelando-se ao longo do tempo após algumas gerações⁵.

Todavia, outra abordagem do segredo foi apresentada por Pieira Aulagnier⁶, que o apresenta como uma condição vital para o funcionamento do eu e para a atividade do pensar. Reznik e Salem⁷ citam a autora, informando que o direito a manter os pensamentos protegidos do olhar do outro é uma conquista do eu, resultado de uma vitória entre a necessidade de autonomia da criança e o desejo materno de cuidar excessivamente. Então, o segredo protege contra a onipotência do outro, o que foi útil no início da vida, mas pode impedir a instalação da diferença entre o eu e o outro.

Trata-se de uma conquista do bebê que rompe o espaço privado existente entre eles, contribuindo para a instalação da ordem simbólica e da subjetividade. Percebendo que os pais não sabem tudo (podem omitir e ocultar), surge a oportunidade de a criança formular suas próprias fantasias e guardá-las consigo, criando seu espaço psíquico para o segredo e, com isso, contribuir para a constituição do sujeito. O segredo, compreendido deste modo, inaugura uma primeira experiência de privacidade da criança.

Assim, ninguém está isento de ter segredos e aqueles que propalam que sua vida é um livro aberto e transparente, possivelmente, se reportam aos segredos deliberados, desconhecendo que os outros podem existir ou serem criados sem o conhecimento consciente, motivados por profundos conflitos, podendo, inclusive, terem importância na constituição da subjetividade da pessoa.

4 Maldavsky, D., Roitman C., & Stanley, C. T. (2008). Correntes psíquicas e defesas: Pesquisa sistemática de conceitos psicanalíticos e da prática clínica com o algoritmo David Liberman (ADL). *Psicanálise - Revista da SBPdePA*, 10(1).

5 Trachtenberg, A. R. C. (2007). A força da transmissão entre gerações e o transgeracional. *Psicanálise, Revista da SBPdePA*, 9(2).

6 Aulagnier, P. (1976). Le droit au secret: Condition pour pouvoir penser. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 14.

7 Reznik, D., & Salem, P. (2010). Duas faces da noção de segredo em psicanálise. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, 32(23).

Uma narrativa sobre o segredo de Lia

Magda Barbieri Walz

Membro do Instituto da SBPdePA



Lia, uma bela menina de cabelos negros e pele morena, chega ao consultório por causa da preocupação de sua avó: "Seu corpo está tomado de feridas de tanto se coçar! Tudo começou após o nascimento do irmãozinho! Pobre menina!"

Essa versão também recebe da mãe. E Lia, na presença da mãe, conta que se sentiu "largada" quando o irmão nasceu. "As atenções e todo o amor foram para ele". Diferentemente destas palavras, cheias de emoção, Lia apresenta-se silenciosa em nossos encontros. Prefere jogar, modelar, manusear geleca, sem muita interação. Quando faço perguntas, diz que está tudo bem e que suas feridas estão melhores. No entanto, veste-se de forma a não deixar suas lesões visíveis.

Meus pensamentos giram em torno da dificuldade em conhecê-la. O mito da Esfinge se apresenta na sala de análise: "Decifra-me

ou te devoro". A Esfinge é um ser mitológico com corpo de leão e cabeça de mulher, dona de todas as verdades.

Pela mãe, recebo informações que Lia não consegue adaptar-se, não aceita o irmão, não vai bem na escola, não faz os temas e cria intrigas com as colegas, provocadas por mentiras. Em entrevista com a professora, compreendo que Lia não quer aprender, resiste às informações sobre novos temas e aprendizagem. Segue assim a mesma versão da família.

Sua pele demonstra sua dor que não é invisível, apesar de estar oculta aos meus olhos. Após alguns meses, segue minha pergunta: quem é Lia? Decido apresentar a ela um jogo enigmático: o Jogo da Senha. Mostra-se interessada e participativa com esta novidade.

Após alguns convites, o pai aceita participar do trabalho e vem conversar, acompanhado da

mãe e do irmãozinho. Ao recebê-lo, sou tomada por uma surpresa: um pai e um irmão loiros e de olhos verdes?! A princípio, isso não decifra nada! Mas tentei imaginar o que Lia pensou ao "perceber" essa diferença. E talvez ela tenha feito esta mesma pergunta: "este é meu pai?"

Aqui pode estar sendo revelado um segredo ou uma verdade. O problema de Lia talvez não seja o ciúme do irmão ou a adaptação à realidade, e sim o enigma de que seu pai talvez não seja seu pai.

Quando ouvimos uma narrativa, é preciso ter em mente que ela pode ser esfíngica, uma fala que confunde. Nesta situação, a versão da família e da escola é: Lia não aceita a realidade.

Quando a realidade é assim narrada e interpretada de maneira esfíngica, a verdade não pode ser conhecida, a vida não pode ser ampliada e o sintoma fica desesperador.

A intimidade que criamos, a que ambicionamos e a que destruímos

Ramon Castro Reis

Membro do Instituto da SBPdePA



O jornalista e escritor italiano Vittorio Buttafava uma vez disse que o modo mais seguro de divulgar a todos alguma coisa é segredá-la ao ouvido de um amigo, suplicando-lhe para que não a

conte a ninguém. Não muito diferente do romancista e dramaturgo francês Jean Cocteau cuja máxima zombeteira foi: "um segredo tem sempre a forma de uma orelha". Ambos nos lembram que a intimi-

dade requer confiança, que demora muito para ser conquistada e, às vezes, não exige mais que um deslize para ser perdida.

Não nos abrimos de qualquer jeito, nem para qualquer um, e do

escolhido para nossas confidências exigimos um difícil predicado: suportar guardar segredo e sustentar o espaço que a ele foi confiado. Isso porque o segredo pressupõe a existência de dois espaços (o de dentro e o de fora), o reconhecimento do mérito do outro (que autoriza o compartilhamento) e um valor que precisa ser guardado.

Poderíamos usar, como alegoria do segredo, o que se passa, *a sete chaves*, no quarto dos pais. Neste caso, o ocultado é um direito do casal e as práticas que ali ocorrem não dizem respeito a mais ninguém, apesar de despertarem interesse. Claro que outra alegoria também serve para o segredo: a da relação incestuosa. Nesta, um dos progenitores faz uso do filho para a obtenção de prazer, *escondendo o jogo* do outro progenitor (apesar de, na maioria das versões, contar com a sua anuência implícita). No caso da primeira alegoria, o segredo sustenta os espaços de intimidade dos envolvidos e o interdito entre esses espaços com a alteridade e a exogamia que daí provêm, ao passo que nas situações que envolvem a segunda alegoria, o segredo implica num apagamento ou na invasão desses espaços de intimidade, com a consequente anulação da alteridade e o aprisionamento do desejo numa endogamia estagnante e improdutiva.

Continuando com as alegorias, a inconfidência pode equivaler à porta do quarto dos pais aberta, um lapso que aponta tanto para um prazer exibicionista quanto para uma incapacidade de preservar o prazer da intimidade, *entregando o ouro* a outros. Ou pode configurar a denúncia da quebra da Lei contra o incesto e dos potenciais prejuízos que advêm dessa quebra, *trazendo a lume* o excesso que aprisiona os cúmplices e empobrece a relação deles com o mundo.

Se a dúvida entre a manutenção do segredo e a inconfidência diz respeito aos envolvidos na

sustentação (ou não) dos espaços de intimidade, do lado de fora a tensão se dá entre a denúncia e a fofoca, que não necessariamente excluem uma à outra. A denúncia tende a ser sóbria e segura de si. Busca restabelecer a Lei e colocar cada um no seu devido quarto. Já o fofoqueiro mostra-se enciumado e, por conta disso, tenta *olhar pelo buraco da fechadura* e *dar ouvidos às paredes*. Com poucas informações, acaba por construir, com sua própria imaginação e seus desejos, muito do assunto do qual foi privado, às vezes temperando-o com injúria invejosa. Por essa marca criativa, a fofoca conta mais a respeito do agente da intriga que do seu alvo. Curiosamente, ao mesmo tempo em que ela é um protesto pela exclusão da intimidade a qual ambiciona, acaba, ao final, reforçando essa exclusão: o fofoqueiro, na ânsia de despertar o interesse do ouvinte, paradoxalmente deixa de *falar com* ele para *falar de* alguém ausente. Assim, a fofoca *escancara* a impotência, momentânea ou não, dos enredados nela.

Por fim, mas não menos importante, existe a difamação, que não tenta disfarçar, nem ao seu emissor, a intenção de desprestigiar e destruir. Fundada na pura mentira, prescinde da parca luz que vem da fechadura e dos murmúrios audíveis através da parede. Seu propósito é tornar desprezível qualquer espaço alheio ao do difamador. Assim como o roubo num jogo, a difamação é a marca humilhante de perceber o outro como dotado de uma superioridade intransponível e não compartilhável.

Em Psicanálise, os espaços de dentro e de fora, com toda a complexidade de interações que pressupõem entre si, servem como analogia para pensarmos o psiquismo. Desde Freud, sabemos que ele possui espaços alheios ao Eu, aos quais genericamente damos o nome de inconsciente. Assim, investigar como foram tratados os espaços

familiares durante, principalmente, a infância de alguém habilita-nos a conhecer melhor como o psiquismo do agora adulto funciona. Em muitas situações, o apagamento, de sutil a explícito, do limite entre o quarto dos pais e o do filho se revela, e a invasão dos assuntos parentais acaba por tolher o filho no seu espaço protegido e na criação nele dos próprios desejos e segredos. Como são assuntos velados, acabam num canto relegado do quarto, até que um dia podem fazer sua aparição inesperada na forma de sintomas e prejuízos.

Apesar de a regra fundamental da Psicanálise prescrever que o analisante diga tudo o que lhe passa pela mente, o analista não é o credor *voyeur* de uma revelação mandatária. Em vez disso, com sua disponibilidade e compreensão abstinente, ele acompanha o analisante na ousada revisão de seus construtores e da sua construção interna, buscando, nesse processo, não se transformar num novo invasor. Num espaço que guarda respeito à intimidade e à individualidade, o analisante pode, a seu tempo, examinar as portas, janelas e móveis de seu quarto-mente, não só revelando (talvez) os segredos já conhecidos, como também acessando e nomeando aqueles que lhe habitavam de forma insuspeita. Dessa maneira, o método psicanalítico paradoxalmente cria a possibilidade de o analisante construir um espaço com segredos próprios, em vez de se manter habitado por segredos compulsórios que lhe são alheios e que o subjagam pelas caladas.

Sugestão de leitura complementar:

1) *Segredos, fofocas*, maledicências, de Laura Palacios

2) *El derecho al secreto: condición para poder pensar*, de Piera Aulagnier

(ambos disponíveis integralmente na BIVIPSI – Biblioteca Virtual de Psicoanálisis).

De quem é o segredo, no fim das contas?

Rosa Aizemberg Avritchir

Membro Associado da SBPdePA



“Sou um boneco de ventríloquo, anormal, cara-de-pau, só mexo a boca, mas o som e meu cérebro estão do lado de fora. E ele pensa que pensa, mas não pensa. Ele se acha, e eu o acho o máximo, porque não penso, só executo, pois tenho esse poder que ainda não dei a ele. Ainda...” (Ferrari)¹.

Um *segredo* é, por definição, algo que não pode ser revelado. Desperta variados sentimentos, como curiosidade, excitação, medo, vergonha, susto, censura, poder... Mas quando o segredo transforma o sujeito em um boneco de ventríloquo? O ventríloquo – este indivíduo capaz de produzir sons sem mover os lábios – e seu boneco – que fala sem falar – ajudam-nos a pensar na trama entre quem guarda um segredo e quem desconhece o conteúdo dele, mas tem sua vida diretamente afetada por isso. O boneco não pensa, não tem vida própria, mas age.

Trachtenberg et al. (2005) mostram que, se um segredo não é ventilado, ele será transmitido através das gerações como algo que não foi representado e nem pode ser representável para o sujeito que desconhece o que está velado. Ele envolve três gerações. Um filho acaba sendo o hospedeiro e cativo de uma história que, em parte, não é sua, ainda que também seja. Todavia, por ficar secreta, essa história é clivada e “produz uma pobreza e um esvaziamento psíquicos, e em que há, paradoxalmente, um ‘demasiado-cheio’, um objeto que jamais se ausenta” (p. 51).

Segundo Aulagnier (1986), há um segredo que é uma forma de defesa ao desejo materno, como proteção à onipotência do outro que pode impedir a instalação da diferença entre o eu e o outro. Esse segredo, ela afirma, é fundante para a construção do psiquismo, pois gera autonomia; possibilita um pensar livre. Porém, falarei aqui do que justamente *impossibilita* que o sujeito tenha autonomia. Refêem de um segredo que o objeto porta sobre ele, o sujeito fica sem acesso a uma parte de sua história, e uma falha fica inscrita em seu processo identitário. Neste caso, o detentor do segredo congela o movimento do outro e impede a produção de algo novo.

Não são poucas as histórias em que os pais não revelam um segredo com medo de perder o controle, a autoridade, a ideia da unificação familiar, as normas e ideias que pretendem transmitir aos filhos; ou não revelam por receio das reações desses filhos. Quando os pais não falam sobre algo, tal como o boneco do ventríloquo, é o filho que fica sem voz, em uma condição de ser excluído e estar ligado ao mesmo tempo. E aí, de quem é o segredo,

no fim das contas? Quem guarda um segredo pode pensar que é seu e, assim, não permite que, nessa relação, se estabeleça um vínculo. Tal vínculo seria uma produção “entre dois”, na qual ambos podem produzir subjetividade.

Os pais que ficam neste lugar de detentores de um segredo familiar podem alegar estar poupando os filhos de temas potencialmente traumáticos; acreditam que possam manter a coesão familiar mesmo sem revelar coisas importantes. Sabemos, porém, os danos que isso pode causar, pois leva à alienação, sem calcular o risco do silêncio imposto. Ele deve ir à busca de desfazer o segredo.

Descobrir ou ser curioso em relação ao que não sabe ou não conhece é um elemento importante para a aprendizagem, mas, e quando não lhe permitem descobrir ou explorar aquilo que lhe concerne? É provável que, nesse contexto, surjam sintomas como expressão de algo que incomoda, mas que não tem representação. O segredo, porém, encontra uma forma de se manifestar: as pontas dos dedos se expressam...

Para Puget e Wender (1993), a criança fica em uma situação muito difícil se for impedida de

¹ O ventríloquo. Disponível em: <<http://ffmeustextos.blogspot.com/2009/07/o-ventríloquo.html>>.

caminhar para a sua autonomia. “Porém, o mais grave para a organização do aparato mental é que ela terminará cedendo parte de seu mundo secreto, de seu próprio segredo e de seu ‘secretar’, para alojar segredos penosos ou vergonhosos de terceiros” (p. 119). A criança passa, assim, a participar da mentira ou do mito familiar, e sua identidade fica abarcada por esta estruturação. Ela precisará fazer esforços e usar recursos psíquicos para manter a família unida e o segredo não ser revelado. É possível que se coloque em uma posição onipotente para dar conta dessa tarefa.

Quem guarda o segredo por questões narcísicas ou que, por vergonha, omite e desmente algo sobre o outro, tira a possibilidade de o sujeito se apropriar de sua história e tomar as rédeas dela. O que está velado por um segredo impede que um filho conheça e use a sua herança genealógica e que possa transformá-la em algo próprio e simbolizado. Quando o sujeito não consegue construir uma narrativa própria, ele se mantém preso a um funcionamento familiar em que nada pode ser rompido.

A relação destes dois sujeitos repete a relação do ventríloquo e seu boneco: um fala pelo outro, dirigindo o que só aparentemente é uma conversa entre eles. E aí volta a pergunta: de quem é o segredo, no fim das contas?

Um exemplo da clínica é de alguém que tem apenas recortes sobre o seu nascimento, uma história parcial, pois a história toda lhe é negada. Lembro-me de Paulo, 30 anos, que procura atendimento por indicação da cirurgia plástica. Ele queria arrumar uma marca do nascimento. Chorou muito na consulta com a médica e, depois, comigo, quando buscou ajuda... Eis ali o boneco se expressando...? Tentando ganhar voz...?

Na primeira sessão comigo, Paulo conta que sabe que sua mãe morreu no parto e que foi criado por seus tios, mas “há muitas pontas abertas na história de seu nascimento”: ele não entende por que não ficou com o pai, não sabe se a mãe morreu exatamente no parto ou logo depois, não sabe por que não teve mais contato com a sua irmã, não sabe por que foi criado por esses tios. Soube que sua mãe não pretendia ter filhos, até o seu nascimento. Sempre fez perguntas, mas as respostas não se alinhavam. Segundo Paulo, os tios são reservados. Sua tia parou de trabalhar e ficou cuidando dele. Na análise, relata ser a primeira vez que fala sobre isso. O boneco vai ganhando voz.

Paulo só gostaria de se aproximar mais de sua história, mas quando esta não pode ser contada, ele suspeita ou cria hipóteses de que algo ilícito teria se passado. Aqui, temos uma comunicação confusa que acaba impedindo

Paulo de questionar. Ao mesmo tempo, ele tem o receio de que – se investigar mais profundamente – os tios (pais substitutos) não suportem, e que ele acabe por romper o vínculo e ser responsabilizado pela desorganização que isto possa gerar na família.

A revelação de um segredo pode gerar uma perplexidade; ela desacomoda a cada um ou a família como um todo. De alguma forma, porém, quando o boneco do ventríloquo ganha voz, ela dá início à conquista de uma autonomia, e o sujeito passa a ter um lugar onde antes não havia. Ele acaba por abrir novas marcas e novos sentidos, um espaço de ventilação e de compartilhamento de um conhecimento. O poder e o saber vão sendo compartilhados.

Sabemos, no entanto, que o boneco só ganha voz quando esta lhe é dada; sem uma existência própria, sem ter se apropriado de sua própria vida, ele necessita que alguém lhe conceda. Quando lhe é, então, revelado um segredo, ele pode abrir esse espaço de ventilação, de voz, de um pulmão respirando. Quando o ventríloquo dá voz ao boneco, ele está lhe dando autonomia. Possibilita que este outro, separado dele, possa reagir e pensar sobre a sua história. À relação, estaria dando a possibilidade de ambos criarem um vínculo que permite a alteridade e que pode acarretar dor, mas também fontes de descobrimentos e de confiança.

Nota sobre a Formação Integrada

Como é de conhecimento de todos, a SBPdePA acaba de ter a sua Formação de Infância e Adolescência incluída na formação geral de nosso Instituto passando, assim, a proporcionar uma Formação Integrada. Para um colega alcançar o título de psicanalista de crianças e adolescentes, não é mais necessária uma extensão de seus estudos, o que, anteriormente, era quase uma segunda formação.

Além disso, somos a primeira Sociedade, no Brasil, a constituir um estudo e uma formação nesses moldes. Portanto, é nossa intenção realizar uma divulgação desta conquista por meio de algumas reuniões científicas e da edição de um número do jornal da Brasileira extraordinário e exclusivo.

Aguardem!

Notícias

Centro de Atendimento Psicanalítico

Astrid E. Müller Ribeiro

Membro Titular da SBPdePA e Diretora do CAP



A comissão do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) da SBPdePA, em um trabalho conjunto com os demais membros, inclusive reuniões com ex-diretores, tem buscado uma troca de informações sobre o funcionamento do serviço oferecido visando um constante aprimoramento do trabalho. Como projeto para o ano de 2020, destaca-se a promoção de atividades científicas, discussões clínicas e encontros com convidados, assim como a renovação da imagem do CAP.

A situação pandêmica que a todos atingiu levou a que o CAP, diante da nova situação, de acordo com as orientações da Associação Psicanalítica Internacional, desenvolvesse novas estratégias, tanto para os atendimentos clínicos, que passaram a acontecer de forma *on-line*, assim como para as reuniões e demais atividades.

Desta forma, aconteceu, no dia 07 de maio, a primeira atividade

de do CAP *on-line*: A busca de uma costura clínica. A discussão clínica contou com a sensível e consistente apresentação de Renata Manica, com os valiosos comentários de Celso Halperin e a cuidadosa coordenação de Astrid Ribeiro, que proporcionaram profícuas trocas entre todos os participantes.

Foi também criado e encontrado em desenvolvimento o Projeto Psicanálise Solidária, desenvolvido pela SBPdePA, sob a coordenação do CAP, o qual teve uma excelente procura. Até o presente momento, foram recebidos e atendidos mais de 200 pacientes, vindos de todo o Brasil e exterior, que foram atendidos por 59 analistas da SBPdePA. O grupo também contou com supervisões feitas de forma solidária. Realizaram-se dois encontros *on-line*, com a participação de diversos membros de nossa sociedade, para avaliar o projeto e definir os encaminhamentos necessários. O recebimento de novos pacientes

encerrou-se no final de maio, mas os atendimentos seguem durante o período combinado de 12 sessões para cada paciente. Agradecemos a participação e o engajamento de todos no projeto.

Ocorreu no dia 22 de junho, a atividade *on-line*: Quando a solidão encontra um lugar, discussão de caso clínico em atendimento pela Psicanálise Solidária da SBPdePA, com apresentação de Ian Nathasje, supervisão de Astrid Ribeiro e coordenação de Caroline Milman.

Por fim, gostaríamos de convidar a todos os membros da Brasileira para fazer parte do Centro de Atendimento Psicanalítico. Acreditamos que, por meio da participação viva e do investimento libidinal, nosso CAP pode crescer e se fortalecer.

Comissão do CAP: Ian Favero Nathasje, Magda Martins Costa e Siana Pessin Cerri

Congresso Brasileiro

No dia 10 de julho, ocorreu o lançamento oficial do tema do próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise - **Laços: o Eu e o mundo** -, com a participa-

ção dos Presidentes e Diretores Científicos das Sociedades organizadoras locais (SBPdePA, SPPA e SPPel) e dos representantes da FEBRAPSI.

28º Congresso Brasileiro de Psicanálise
LAÇOS: O EU E O MUNDO
8 a 13 de julho de 2021
Centro de Estudos da Família - Gramma 02 - www.febrapsi.org

LANÇAMENTO
28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE
10 DE JULHO

PROGRAMAÇÃO

18h30
Sessão de Abertura
Rosa Reis - Presidente da FEBRAPSI
Aline Wageck - Presidente da ABC
Christine Marques Castro Vinhas - Presidente da SPPel
José Carlos Calich - Presidente da SPPA
Ane Marli Port Rodrigues - Presidente da SBPdePA

19h00
Diretores Científicos
Regina Pereira Klarmann - FEBRAPSI
Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel
Maurício Marx e Silva - SPPA
Christiane Vecchi da Paixão - SBPdePA

FEBRAPSIPSI PSICANÁLISE SPPA SPPel

Diretoria Científica

Christiane Paixão

Membro Titular da SBPdePA e Diretora Científica

O ano de 2020 expôs a humanidade a uma crise sanitária de proporções planetárias que vem exigindo toda uma gama de medidas e adaptações para mantermos nossas vidas, no amplo sentido do termo. Essa crise radical nos colocou diante da morte, do risco de morrer, do risco de perder pessoas queridas e dos planos interrompidos;

e isso não acontece a toda hora. E agora que aconteceu, pegou todos de tal forma que parecia que faltava um 'marco' para delimitar a passagem de um século a outro.

A historiadora Lilia Schwarcz aponta que a pandemia marca o final do século 20, que foi o século dos desenvolvimentos tecnológicos, mas que agora mostra seus limites. Mais uma vez, descobrimos que nem tudo está sob o nosso domínio. Costumamos usar, como marcador, o tempo cronológico medido em século, mas Lilia atribui a virada de um século a outro à experiência humana. São as mudanças na vida e nos valores das pessoas que constroem o tempo. O que essa experiência nos reserva?

Edgar Morin (2020) diz que vivemos hoje um festival de incertezas que nos interroga sobre a forma de Ser e de Estar no mundo. O que antes parecia separado está conectado; a pandemia vai revelando que tudo está interliga-



do, que qualquer ação e decisão atingem a totalidade de tudo que é humano.

Nossas atividades científicas buscaram abordar os efeitos desse grande acontecimento. Para isso, criamos Rodas de Conversa *on-line* nas quais trabalhamos sobre o processamento do trauma, sobre a mudança quase exclusiva para o *setting* digital e as expectativas sobre o que resultará dessas mudanças. Um agradecimento afetuoso aos nossos convidados Júlio Campos, Leonardo Francischelli, Renato Trachtenberg, Ana Rosa Trachtenberg, Beatriz Behs, Lores Meller, Ana Paula Terra Machado, Newton Aronis e Julio Bernardes. Também realizamos um encontro muito interessante e produtivo sobre *Sonhos em tempos traumáticos* com o psicanalista e pesquisador Paulo Endo (USP), que vem participando de uma pesquisa de coleta de sonhos na pandemia.

Na medida em que fomos adequando ao modelo digital

as atividades científicas, outras começaram a ser organizadas. Aconteceu em julho: sexta científica sobre *Setting digital na infância e adolescência* em colaboração com o NIA e sob a coordenação da colega Aline Pinto; o lançamento oficial do XXVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise (de 08 a 11 de setembro de 2021) com o tema *Laços: o Eu e o mundo*; Roda de Conversa sobre *Racismo – o demoníaco estrangeiro que nos habita* e, ainda, um debate em forma de homenagem aos 100 anos do *Além do princípio de prazer*.

Enfim, a Comissão Científica segue trabalhando e desejando que nossas atividades alcancem os interesses e demandas dos colegas.

Um forte abraço!

Comissão Científica: Magda Barbieri Walz, Kellen Gurgel Anchieta, Rafaela Degani e Renata Manica

Nova Diretoria da AMI apresenta sua comissão, atividades e objetivos



Não foi sem dificuldades que iniciamos nossa gestão na Associação de Membros do Instituto (AMI) para o biênio 2020/2021. Após o entusiasmo do início do ano e dos preparativos para a atividade inaugural do primeiro semestre, fomos apresentados à realidade que se impôs: suspensão temporária das atividades da SBPdePA e do Instituto, por conta dos esforços em conter a pandemia do novo coronavírus.

Aparentemente precoce e radical, a difícil decisão de suspender temporariamente a atividade inaugural – tomada em reunião com a diretoria do Instituto – mostrou-se preventivamente sensata. Em menos de uma semana, apesar da hesitação parcial por partes operativas da federação, o país entrou em situação de emergência e todos nós acatamos a orientação de ficarmos em casa.

Tivemos que refazer nosso planejamento sem tirarmos da mente as diretrizes que nos norteiam. Por exemplo, organizar os eventos da AMI de modo concentrado a fim de ocuparmos menos datas das

agendas já cheias e aumentarmos a oferta de atividades em uma mesma data, com prioridades às quartas-feiras para contemplar os membros que se deslocam de outras cidades para a formação na capital. Também foi preciso conectar a AMI às instâncias representativas nos âmbitos nacional, latino-americano e mundial por meio de nossas representantes na ABC, OCAL e IPSO, respectivamente: Karla Aquino, Renata Camargo e Giuliana Chiapin. Realizamos e pretendemos manter reuniões virtuais com elas a fim de encurtar as distâncias e oferecer apoio.

Além disso, tivemos a alegria de encontrar a diretoria da AMI em ótima saúde financeira, com transparência e vigor em meio ao grupo de membros. Manteremos os eventos. Fale-me mais sobre isso, Simpósio da AMI, nossos almoços em Assembleias e boas-vindas aos novos membros, confraternizações de encerramento dos semestres e incontáveis ideias e contribuições da última diretoria 2018/2019. Para tanto, construímos uma 'diretoria transicional'

em conjunto com os colegas da antiga diretoria. Nosso agradecimento à Aline Santos e Silva, Lisa Pellegrini Magalhães, Siana Pessin Cerri, Carolina Freitas e Carmen Prado Nogueira. Aliás, Carmen se manteve na atual diretoria, como vice-presidente. Soma-se ao presidente Thércio Andreatta Brasil a tesoureira Camila Reinert e a secretária Luciana Buseti. Podemos ainda contar com os conselhos da Marcela Pohlman e da Nora Steffen, o que nos tranquiliza para levar o barco.

Se mar calmo não faz bom marinheiro, contamos com bons faróis a iluminar nosso caminho. E aqui agradecemos o apoio, a continência e o incentivo de toda a diretoria do Instituto e da Sociedade, no nome de Silvia Skowronsky, diretora daquele, e Ane Marlise Port Rodrigues, presidente da SBPdePA.

Thércio Andreatta Brasil (Presidente da AMI), Carmen Prado Nogueira (Vice-Presidente), Camila de Araújo Reinert (Tesoureira) e Luciana Zamboni Buseti (Secretária)

Diretoria de Divulgação

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Divulgação



É com grande satisfação que trazemos as notícias da Diretoria de Divulgação.

No mês de maio, todos os membros da SBPdePA foram convidados a responder a uma pes-

quisa que trazia questões sobre os meios eletrônicos de divulgação disponíveis, bem como a re-

lação com a instituição. No total, tivemos 77 respostas. Entre os resultados, pudemos verificar que 63,3% dos colegas sentem-se engajados/muito engajados como integrantes da SBPdePA e 97,2% se sentem representados/muito representados no cenário psicanalítico atual.

Quanto à imagem que desejariam que a SBPdePA transmitisse, os colegas forneceram respostas principalmente no sentido de consistência e profundidade científica, rigor na transmissão da psicanálise, seriedade, solidez, abertura, modernidade, atenção à saúde mental e liberdade.

Com relação ao uso de nossas mídias (*site*, Facebook e Instagram), verificamos uma visita que variou entre 70 e 80%, o que demonstra alto engajamento e uma tendência crescente de maior utilização dos meios virtuais. Foram também avaliados os materiais de divulgação, com atenção especial para a formação de uma

identidade visual, com alguma padronização, e especificamente o nosso logo.

Agradecemos aos colegas que participaram e, com suas opiniões e sugestões, contribuíram para auxiliar a direcionarmos os próximos passos e futuros investimentos na divulgação da Brasileira, sempre levando em consideração a nova realidade que se apresenta, com novos limites e prazos.

Tendo em vista as mudanças experimentadas por todos durante a pandemia da COVID-19, com alterações radicais nos âmbitos profissional, pessoal e emocional, sentimos a necessidade de propor uma alternativa para lidar com angústias tão desestruturantes e ameaçadoras. Foi assim que surgiu o projeto "Inspirações à Brasileira", que será produzido com criações de membros da SBPdePA e de membros do Instituto. Um espaço novo, atual, com o objetivo de divulgar a psicanálise da Brasileira de forma lúdica e sensível.

O lançamento desse espaço aconteceu em início de junho e contou com a gentil participação do colega José Luiz Petrucci, que ofereceu uma tela sua, a ser nomeada pela comissão como uma construção coletiva. Foi batizada então: "Nau de palavras". Acreditamos na ideia de nomear sensações e palavras sentimentos como uma possibilidade de lidar com afetos tão intensos e disruptivos que estamos percebendo em nosso entorno. A chegada de novas contribuições tem nos alegrado e estimulado muito e convidamos a todos a contribuir enviando seus escritos e sua arte. Vale poesia, prosa, pintura, fotografia. Lembrando que, quando em forma de texto, deve contar no máximo com 3 parágrafos, já que se destina às redes sociais. Entre nesta brincadeira!

Comissão de Divulgação -

Aline Santos e Silva, Fabiana Brito Grass, Gabriela Seben, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen

Diretoria de Relações com a Comunidade

Caroline Milman

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Relações com a Comunidade

A Diretoria de Relações com a Comunidade, junto a sua comissão, segue reunindo e discutindo ideias no sentido de dar continuidade a abertura e consolidação de espaços de interlocução com a comunidade, nos seus mais variados vértices. Importante ressaltar que o diálogo se estabelece também internamente e não somente com a comunidade exterior.

Neste primeiro semestre de nossa gestão sugerimos uma representante da nossa comissão

para estar em contato direto com a equipe da Diretoria de Divulgação, por entendermos que estas duas áreas caminham juntas. Também estivemos presentes, junto à Diretoria do CAP do projeto "Psicanálise solidária", que como sabemos, envolveu amplo atendimento clínico à comunidade. Ainda pensando em nossa comunidade interna, criamos uma atividade chamada "Fora da casa". Foi organizada no formato de uma *happy hour* virtual. A ideia

foi reunir os colegas numa atividade leve e descontraída para fazer frente ao momento delicado, onde todos estavam começando a viver a realidade de um isolamento social. Para esse encontro convidamos o ator e empreendedor cultural Zé Victor Castiel.

Com relação aos projetos solidários, além do "Psicanálise solidária" no qual grande parte de nossa instituição se engajou, seguiu o trabalho com imigrantes e refugiados, iniciado em 2018,



assim como a participação em uma articulação nacional entre psicanalistas e associações comunitárias para estudo e intercâmbio de experiências em relação a psicanálise e rotas de escravidão, o racismo estrutural e suas consequências. Ainda entre os projetos, a Brasileira, através de um grupo de colegas, desenvolveu uma parceria de cooperação com a OAB-RS em seu núcleo de combate à violência contra a mulher em que está sendo articulado um projeto de curso para 2021. Também para 2021 está em andamento, com este mesmo grupo de colegas, a ideia de uma parceria com o Hospital Conceição (GHC) na forma de palestras, cursos, reuniões e trabalhos de voluntariado dirigidas às trabalhadoras da instituição. Paralelamente a estes projetos, nossa comissão elaborou uma pequena enquete junto aos membros da Brasileira para conhecer a disponibilidade dos colegas em relação a trabalhos solidários. Este levantamento será muito importante para traçarmos nossas propostas, tanto as mais imediatas, quanto futuras.

Sobre as parcerias com cidades do interior, programou-se um ciclo de reuniões *on-line* para discutir o impacto da pandemia em nossas vidas. Para tanto, foram convidadas a participar as cidades com quem a Brasileira vem trabalhando: Santa Cruz, Ere-

chim, Uruguaiana e Florianópolis. A partir desta primeira atividade, iniciou-se o planejamento para a sequência do trabalho no segundo semestre, onde foi organizada uma programação de estudos específica para cada cidade.

Ainda dentro de nossa diretoria, o Núcleo de Estudantes, observando a adesão de um público mais amplo em seus últimos cursos oferecidos, reorganizou seu formato, não somente com adaptações para a modalidade *on-line*, mas também ampliando os temas de estudo. Assim surgiu o curso: "Psicopatologia da vida cotidiana em isolamento social". A ideia foi buscar aprofundamento e reflexão psicanalítica sobre a situação de impacto social coletivo que estamos vivendo, a partir do resgate e da costura com questões clássicas da psicanálise, como a escuta analítica, trauma, desamparo, angústia, luto, melancolia, esperança e criatividade. Foi muito interessante observar entre os inscritos, pessoas residindo fora do estado e fora do país, o que nos reforça o aspecto positivo das atividades em formato *on-line*!

Finalizando as notícias do 1º semestre sobre a Diretoria de Relações com a comunidade organizamos um ciclo de 4 *lives* chamado "Pandemia em Palavras", nome que foi pensado justamente para que cada *live* tivesse uma palavra como diretriz principal: incerte-

za, cuidado, medo e transformação. As *lives* contaram com um(a) psicanalista da Brasileira e um(a) convidado de outra área. Seguimos pensando em novas ideias de *lives* para desenvolver e promover o intercâmbio com a comunidade.

Como se pode ver, temos muito trabalho e muitas ideias para seguir dialogando e interagindo com a comunidade, da forma mais ampla possível.

Deixamos um grande abraço aos colegas, esperando que todos sigam bem neste momento difícil que estamos atravessando.

Comissão de relações com a Comunidade

Carmen Nogueira, Ester Litvin, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Leia Klochner, Sandra Fagundes e Siana Pessin

Integrantes dos projetos sociais

* Imigrantes e Refugiados: Augusta Gerchmann, Carolina Freitas, Janine Severo, Sandra Fagundes

* Rotas da Escravidão: Janine Severo

* Parceria com a OAB: Ana Paula Terra Machado, Beatriz Behs, Eliane Nogueira, Mayra Lorenzoni, Vera Mello

* Parceria com Hospital Conceição (GHC): Ana Paula Terra Machado, Beatriz Behs, Eliane Nogueira, Mayra Lorenzoni, Vera Mello

Notícias do Instituto

Silvia Brandão Skowronsky

Membro Titular Didata da SBPdePA. Diretora do Instituto da SBPdePA

Jorge Luis Borges escreve sobre ideias preciosas.



Não há prazer mais complexo que o pensamento e a ele nos entregamos. O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível. E sempre pode coroar ou inaugurar uma forma, mesmo que ainda secreta. Não existe rosto que não esteja por desenhar-se como o rosto de um sonho.

Vencer a ignorância com ideias e pensamento. Talvez inventar a felicidade, que no caso cada indivíduo decide o que significa. Poderá ser até ter liberdade, e principalmente a liberdade para criar, inclusive significados. E apenas para lembrar: o sentido do significado será sempre subjetivo, uma construção pessoal, uma linguagem singular.

A experiência humana com a verdade, Freud chamou de verdade vivencial, são as versões da verdade. Também propõe que a verdade não se resume a uma mera aparência do que está explícito, pois guarda uma peculiar condição impenetrável e contém uma imprecisão que nasce do que também está omitido.

A concepção da Psicanálise de Freud descobre o singular de uma história individual, resgata a versão particular e única, as circunstâncias pessoais de um discurso amoroso. Vivendo, descobrimos um ritmo, movimentos silenciosos e barulhentos que criam memórias que nos constroem.

O tempo e a circunstância são o desafio! A linha do tempo da existência cronológica significa a experiência vivencial. O tempo é movimento e, com um ritmo, cria-se a condição da vitalidade de uma memória e de uma história. Essa é a importância da memória no viver humano! A memória permanece além do tempo! Nascida na experiência do vivido, é um patrimônio do inesquecível!

Temos o privilégio humano de possuir um arquivo com o desenho de uma história que é factual e subjetiva em registros particulares que nunca são iguais. O registro subjetivo são as memórias do que é "importante" e daquilo que é "inesquecível", mas que convive com as marcas daquilo que foi ou é insuportável.

A memória ainda é um desafio frente ao inevitável! Qualquer humano não retorna à origem apenas através da memória,

pois o que se perdeu ou o lugar de onde viemos não existe mais! Há vinte cinco séculos, Heráclito lembrava que ninguém consegue banhar-se duas vezes na mesma água, ainda que no mesmo rio. Ensinava que tudo flui. Inquietante ideia sobre o eterno movimento. O velho e o novo. O igual e o diferente. O conhecido e o estranho. A memória, o retorno e a repetição.

A Psicanálise descobriu o valor do movimento de repetir até elaborar. O extraordinário e o ordinário compõem o viver! Entretanto, o sofrimento demanda solução. Repetir, repetir até transformar! A cura do sofrimento está atravessada pela questão do desconhecimento sobre a causa ou a origem, mas que, paradoxalmente, o próprio sujeito do padecimento tem em si a chave para compreender e transformar. Essa foi a grande descoberta que revolucionou o modelo da cura.

O saber é uma construção constante, esta sabedoria é o legado de Freud com a Psicanálise. Um especial modo de utilizar a teoria, o conhecimento de si próprio, das emoções, do tempo, da circunstância e o lugar da história. Saber e não saber, conhecer e ignorar jogam um papel importante com o destino de origem para viver entre o passado e o futuro sem ferir a autonomia. É a difícil arte de criar-se em fortes raízes e desenvolver asas de liberdade.

A liberdade é intransmissível, requer uma elaboração pessoal e singular, também a sabedoria. O paradoxo do poder, essa especial dialética entre autonomia e sujeição cria efeitos na independência para pensar. A letra que faz toda essa diferença nos conceitos de liberdade e autonomia, como o de sujeição e obediência, em que um sutil limite demarca uma grande distância entre uma posição de contentar e uma posição de contestar é a enorme diferença entre obedecer e pensar.

Todos nós temos mestres inesquecíveis que nos transmitiram saber e amor pela Psicanálise, experiência que inclui curiosidade e interesse no diverso e diferente, enquanto que fidelidade à família teórica. Dialogar significa expressar a própria opinião e conhecer outras, semelhantes ou distintas, pois todos nós já descobrimos que um sujeito singular é múltiplo. Impossível generalizar, pois sabemos que inexistente uma teoria abarcativa de toda complexidade humana. Todos nós temos mil maneiras de nos contar, o que demanda e supõe escutar, interrogar, analisar e pensar para construir elaborações e encontros transformadores.

Para afirmar a Psicanálise, uma discussão fecunda incluirá as diferenças. É a dimensão da diversidade de modelos, tudo uma questão de amor e de escolhas, e é claro da trama dos conceitos que revestem as articulações teóricas, definem, são como uma marca, iluminam o pensar de cada psicanalista.

A Psicanálise não é um espaço para certezas e sim para interrogações. Perguntar inaugura um espanto, é a insolência da curiosidade abrindo lugar para criar-atividade. Resulta numa invenção, e isto é novo, um espaço para criar articula fundamentais diferenças, cria uma linguagem que não se apoia em certezas e verdades, mesmo as teóricas.

O psicanalista precisa da incerteza que a pergunta introduz. Uma criação equivale a uma ruptura. Para ocorrer efeitos, um despertar, um entender, isto depende de uma ruptura da literalidade que reveste e obscurece um discurso. Interpelar a literalidade é criar uma ruptura que não é o mesmo que descobrir a existência ou de explicar, e sim de um interrogar. Além do que uma criação nunca surge só de uma plenitude ou de uma felicidade.

Um constante desafio na experiência humana, a transitoriedade desencadeia inúmeros desam-

paros. Vencemos a impotência das incertezas criando outras noções que norteiam e organizam a imensidão do desconhecido. Inventamos o relógio, achando que assim venceríamos o tempo, e inventamos o amor achando que assim venceríamos a morte, esquecidos que o tempo existe sem relógio e que a morte termina até com essas invenções.

A sabedoria do Borges é inspiradora ao lembrar outras incertezas: "Tudo entre os mortais tem o valor do irrecuperável e o azar existe. A morte faz o homem patético e precioso. Esta condição humana comove, cada ato que executa pode ser o último. Grande e medrosa solidão".

A Psicanálise não tem imunidade para os efeitos perniciosos; essa complexidade dialética do construtivo e do destrutivo é muito sutil. Em nossa experiência concreta no viver, não é possível significar tudo ou mesmo recobrir tudo com a linguagem, essa é a vivência com o campo do silêncio do irrepresentável, um impensável, também mostra sua força no destrutivo, na violência, também na angústia do inominável.

A *morte* (com a exclusão da vida, a finitude com o transitório e a experiência com a perda), a *loucura* (com exclusão da confiança e dos afetos, a alienação, a infelicidade do sofrimento na doença), a *pobreza* (com a exclusão social), a *ignorância* (com a exclusão do saber, do conhecimento para pensar), e o poder (com a exclusão de direitos, imposto pelo jogo de interesses escusos) compõem um forte desafio frente ao espanto com essas inquietantes estranhezas. *O importante é continuar pensando e enfrentar o que destrói.*

Ainda assim é possível a felicidade quando a construímos. Enfrentando obstinados nossas misérias, encontraremos fortunas. As urgências nos fazem temerários e abrem caminhos para vencermos

a solidão do isolamento e o enfrentamento da exclusão. O impossível é não pensar.

Cantou Drummond em 1947: "E agora José? A festa acabou, o povo sumiu". Em 2020, vivemos a experiência com o coronavírus, chamado de COVID-19, verdadeira ameaça mundial, invisível e mortal. E agora? Um mundo sem fronteiras, onde o individual e o coletivo se articulam indissociáveis, partilhando o assombro. Tempos de incerteza com o desconhecimento para enfrentar. Momento de sermos guardiões da vida, com o isolamento, e de cuidados com a proteção individual e coletiva. Será que o mundo virou uma aldeia?

O inédito de um novo cria incertezas e a serenidade só aparece depois da certeza nomeada virar um confiável conhecido. Será o familiar e conhecido cotidiano um simples encanto que alegra a vida, agora apenas uma ilusão? Existirá um futuro na ilusão? Pois viver exige vislumbrar o futuro da realidade com projetos possíveis. Por isso, a palavra do dia é esperança! O que ela significa para você? Esperança?

Já são mais de quatro meses em que convivemos com a dúvida constante, a insegurança e o distanciamento social. Precisamos seguir nos fortalecendo para retomar com energia e força os novos desafios.

Vamos pensar esse novo! Talvez agora a importância e o valor da noção de alteridade sejam redescobertos e valorizados para fundamentar o respeito à diferença em pleno viver coletivo dessa experiência de ameaça.

A tarefa agora não será apenas recuperar o que antes já existia, mas, principalmente, construir o que nunca existiu. Que modificações irão construir a história do amanhã? Qual o lugar dessa realidade ameaçadora e traumática? Que demandas no enquadre e no modelo para pensar o sofrimento?

Nós perdemos o fio da meada que tece nosso conhecimento e saber quando somos desafiados por um inesperado, e com o excesso de incerteza, gerador de impotência, desarticulando o conhecido. É uma força que tem o especial poder de desencadear inúmeros efeitos, principalmente quando envolve risco à vida como nesta pandemia.

O desamparo que resulta da fragilidade está na raiz de muitas angústias humanas. Impotências diante do desconhecido. Um transitório, mesmo que inquietante, nas articulações entre o conhecido e o inédito, do velho e do novo, do que já é familiar e do ainda estranho, compõem o conjunto de desafios mais comuns e corriqueiros no cotidiano da vida humana.

Entretanto, barbáries, violência e a tragédia são diferentes de drama. No drama, a angústia (sinal) sinaliza a ameaça do desprazer no viver; na tragédia, a morte encerra o viver. São consequências e ameaças distintas. Diferença entre o impacto do novo e o impacto do inominável. Um incompreensível convidará à curiosidade?

Constatar a insignificância e a finitude é o desafio. Um inédito assustador que requer encontrar caminhos de pensar. Esse ainda é o recurso disponível para vencer a sensação de desamparo e de reféns impotentes sem opção. Indagar é fundamental para reordenar emoções, enlaçar sentimentos, ideias e principalmente para transformar uma posição de sujeito, de um vulnerável refém, numa posição de sujeito da própria história.

O movimento para criar uma memória tranquilizadora, ao encontrar um sentido, articula uma posse da história, mas (quando) envolve a inclusão dessa *noção da fragilidade* que fere fundo o narcisismo das certezas humanas.

A certeza da insignificância com a fragilidade ressignifica a incerteza de viver! Afinal o que é importante na vida?

Viver no mundo é mais complexo do que alcançamos pensar.

O Modelo do Traumático com a angústia registra os efeitos de um impensável ou de um nunca pensado. Elaborar significa transformar a angústia extrema em experiência pensável, regulando a angústia para a função de sinal, protetor aviso para antecipar perigos e ameaças. Abre o tempo para reflexão, para encontrar um novo!

A angústia nos baliza a questão de nossa presença no mundo. Não somente com a pergunta sobre quem penso que sou, mas de como estou experimentando esse viver. A impotência faz parte da experiência de estar vivo. Pensar o mal-estar é o caminho para enfrentar a incerteza com mais autonomia, e saber de si é uma garantia para se encontrar num emaranhado inquietante. *A posteriori* saberemos mais.

Freud interrogou o conhecimento e o saber, gerou um discurso que revolucionou as crenças científicas ao estabelecer um entendimento especial e singular das motivações do sujeito humano. Movimento que funda a Psicanálise com a ideia da Dimensão Psíquica, quando descobriu o Inconsciente, que é atemporal. Condição da memória, do esquecimento, da repetição, e do *a posteriori*, perspectiva da dialética entre potências e impotências!

A Psicanálise nasceu com a descoberta do Inconsciente e com a morte da sugestão. O método é a história conceitual da fundação da Psicanálise. O método é invariável, é a técnica que muda, que se transforma ou se amplia.

O método da Psicanálise tem a meta da atenção flutuante e da associação livre para alcançar o inconsciente. Portanto, o caminho

frente ao sofrimento humano, que implica em desafios clínicos, convoca a posição de interrogar a singularidade de um sujeito psíquico, ou seja, um sujeito do Inconsciente.

O legado de Freud com a invenção de um modelo conceitual teórico-clínico há cem anos ainda nos inspira para pensar os desafios atuais. A situação de pandemia e as ressonâncias na psicanálise são as interrogações que demandam nossa reflexão e estudo.

O conto da ilha desconhecida, de José Saramago, é um elogio à insistência e à resistência diante da adversidade e ao não saber. Uma inspiração. Narra a história de um homem que vai ao rei e pede um barco para viajar até uma ilha desconhecida. O rei pergunta como ele pode saber que essa ilha existe, já que é desconhecida. O homem argumenta que assim são todas as ilhas até que alguém desembarque nelas.

Esse movimento para pensar e conhecer (se) está alimentado por raízes e asas. Desafia a ignorância, essa desconhecida, e a coragem para tornar conhecido esse desconhecido que nos é próprio e que, afinal, nos pertence.

Quando padecemos de ignorância, pedimos a alguém: ensina-me. Quando dói demais uma dor que não sabemos estancar, pedimos a alguém: cura-me.

Quando Freud reúne a palavra com a cura, situa o recurso clínico da Psicanálise – um lugar fecundo de um campo que indaga o discurso amoroso de um sujeito. Chamamos de transferência, uma atualização e um transporte, essa oportunidade de repetição do atemporal inconsciente.

Hoje novos desafios interrogam o método e demandam ampliação técnica, como a inclusão de novo dispositivo on-line para análise pessoal, também para os seminários e supervisão, reconfi-

gurando o enquadre clássico do *setting* e do modelo presencial. Pois prudentes, nos recolhemos ao isolamento para sobreviver aos desafios de problemática desconhecida.

Ainda temos um trabalho de encontrar figurabilidade para as ameaças concretas em jogo, tais como perder a vida, a conexão com os amigos, a família, ocupação e interesses suspensos pelo isolamento.

O momento crítico atual desafia a criatividade com a incerteza sobre o que virá, sobre as novas questões relacionadas ao contexto específico da pandemia da COVID-19, com os inúmeros efeitos no viver humano.

O isolamento e a implementação da experiência *on-line* desafiam o protocolo e a experiência de enquadre e de *settings* conhecidos para aplicação do método da Psicanálise. Vamos pensar os efeitos no modelo conhecido de transmissão e da prática clínica da Psicanálise.

A IPA possui regras que permitem a análise remota na formação analítica em circunstâncias excepcionais. O Instituto da SBPdePA segue o protocolo da IPA em vigor durante a pandemia de Coronavírus, considerada como circunstância excepcional, razão que fundamenta e autoriza a análise *on-line* dos membros do Instituto na Formação Analítica enquanto ocorrer a pandemia. O Instituto da SBPdePA insiste em zelar para manter a Brasileira viva, com as portas abertas para o futuro.

No primeiro semestre de 2020, 17 Seminários foram realizados *on-line*, e ocorreu uma adesão ampla dos membros do Instituto aos recursos possíveis para enfrentamento deste período.

No segundo semestre, a Atividade Inaugural foi uma conferência *on-line* com Clara Nemas, psicanalista infantil didata da AP-

DEBA/Buenos Aires. Ocorreu no dia 8 de agosto, sábado, na plataforma *GoToMeeting*. O tema de sua palestra foi a Clínica Psicanalítica em tempos de pandemia, e todos os membros da Brasileira foram convidados a participar.

A nossa convidada é uma autora renomada e já publicou vários artigos sobre ética, teoria psicanalítica e técnica clínica no trabalho com pacientes adolescentes. Atualmente, ela está envolvida

na educação continuada, em seminários sobre desenvolvimentos kleinianos, no ensino das ideias de Meltzer e dirige um grupo de jovens colegas no projeto de se tornarem analistas. Ela também está envolvida no Grupo Latino-Americano de Métodos Clínicos Comparados.

Uma outra novidade que temos este semestre é um seminário de filosofia *on-line*, pela plataforma *GoToMeeting*, com o filósofo

e professor Júlio Bernardes, que aborda a questão do pensamento autocrático. Este seminário ocorre nas quartas-feiras às 20h, com a duração de 16 encontros, e está aberto a todos os membros da nossa Sociedade.

Os seminários do segundo semestre iniciaram na forma *on-line* para a adequada proteção de todos, até que possamos retornar ao convívio presencial tão aguardado.

Notícias do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)

Aline Pinto da Silva

Membro Associado e Coordenadora do NIA

O NIA vem mantendo seus encontros todas as sextas-feiras das 10h15 às 11h45. Porém, tendo em vista a pandemia, esse espaço passou a ser virtual e ganhou outra vida.

Embora já tivéssemos experiência em atendimentos com adultos e adolescentes a distância, o trabalho digital exclusivo gerou muitas dúvidas e incertezas. Ainda mais agora incluindo nossos pequenos pacientes. Ao compartilharmos as experiências em grupo, encontramos amparo para dar conta do que, muitas vezes, parecia impensável.

E baseadas nessa vivência tão rica foi que pensamos em abrir nossos encontros para ampliar ainda mais este espaço de troca. Assim, reativamos o Café com o NIA, que vem ocorrendo de 15 em 15 dias com colegas e, em seguida, com convidados.

Além disso, em parceria com a Comissão Científica, organizamos uma atividade sobre o *Setting digital na clínica da infância e da adolescência*, tendo como paine-

listas a nossa querida Eluza Enck e a colega colombiana Martha Jordán-Quintero.

Acreditamos que, apesar de estarmos distantes fisicamente, estamos mais do que nunca ligadas afetivamente.

Esperamos que vocês também se liguem a nós e venham compartilhar suas experiências.

Equipe NIA: Adriana Ampezzan, Aline Santos Silva, Heloísa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque



Notícias do Núcleo de Vínculos

Rosa Aizemberg Avritchir

Membro Associado da SBPdePA e Coordenadora do Núcleo de Vínculos

O nosso grupo tem se dedicado a estudar e aprofundar as ideias e os conceitos de Julio Moreno. Julio Moreno é doutor em Medicina, membro titular com função didática da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA – IPA). Além disso, é diretor do Mestrado de Psicanálise de Casal e Família do Instituto Universitário de Saúde Mental (IUSAM-APdeBA) e é autor de vários livros e artigos científicos.

Neste ano de 2020, ele está lançando um livro cujo título será *Elogio a la ignorancia*. Estamos nos orientando, neste momento, pelos livros *Ser Humano* e *El Psicoanálisis Interrogado*.

Julio sempre se dedicou a estudar psicanaliticamente as crianças, as famílias e seus vínculos. Ele traz conceitos que têm inspirado a todos do grupo a pensar e a se debruçar sobre eles para compreender as novas ideias propostas pelo autor. Os conceitos que estamos estudando são: realidade virtual, impresença, acontecimento, imanência, conectividade e pensamento associativo.

Após seis meses de um intenso



trabalho para compreender e integrar os novos conceitos, resolvemos convidar Julio para pensar junto conosco, esclarecer questões que geraram muitas dúvidas e vinculá-las com a experiência clínica. Ele aceitou prontamente o convite e o primeiro encontro ocorreu no início de agosto.

No dia 4 de setembro de 2020, organizamos, em conjunto com a Diretoria Científica, a atividade “Roda Viva” com os queridos convidados Janine Puget e Julio Moreno, da APdeBA, ambos referência na teoria e clínica da Psicanálise Vincular. A partir de perguntas formuladas pelo Núcleo, desenvolveu-se um rico intercâmbio em torno de temas

tais como as teorias da complexidade e da incerteza desde a perspectiva da clínica psicanalítica. A construção da subjetividade singular e a da singularidade plural também foram abordadas por Janine e Júlio, estimulando a participação do público para uma interlocução inquietante e criativa, em melodiosa diversidade. O amplo número de inscritos manifesta a crescente importância da teoria vincular no corpo teórico clínico da Psicanálise.

Grupo de Vínculos: Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpek, Heloísa Zimmermann, Patricia Goldfeld, Paulo Picarelli e Vera Mello

Homenagem

Sobre o Dr. Nelson Langer dos Santos

Nelson Asnis

Membro Associado da SBPdePA e Presidente da Fundação Universitária Mário Martins

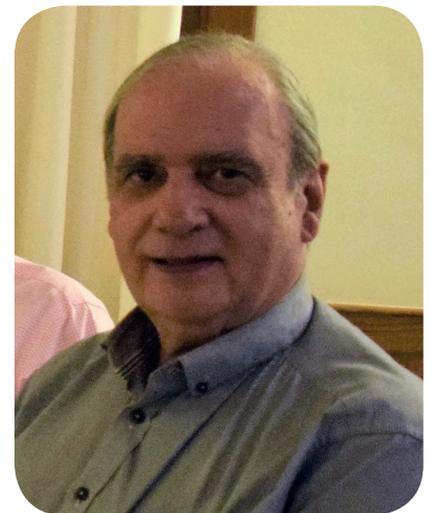
Falar do Dr. Nelson Langer dos Santos é falar de um verdadeiro psiquiatra e psicanalista.

E o que entendo por verdadeiro? Aquele cujas palavras e escritos traduzem exatamente a sua conduta.

Meu querido colega e amigo Nelson Langer dos Santos é uma rara unanimidade. Todos os que o

conheceram lembrarão sempre de sua generosidade, sua ética, seu amor em ensinar e a forma sempre respeitosa com que tratava as pessoas dentro e fora de seu consultório.

A Psiquiatria e a Psicanálise perderam um grande profissional, mas, acima de tudo, todos nós perdemos um ser humano de irrefutável reputação.



Dr. Nelson Langer dos Santos

Segue vivo o seu legado no coração de seus familiares, amigos, colegas, alunos e pacientes.

“Um amigo inesquecível”

Gley Silva de Pacheco Costa

Médico psiquiatra e psicanalista. Membro fundador, efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Membro fundador, conselheiro e professor da Fundação Universitária Mário Martins.

Nós temos duas vidas, a segunda começa quando percebemos que só temos uma.

Mário de Andrade

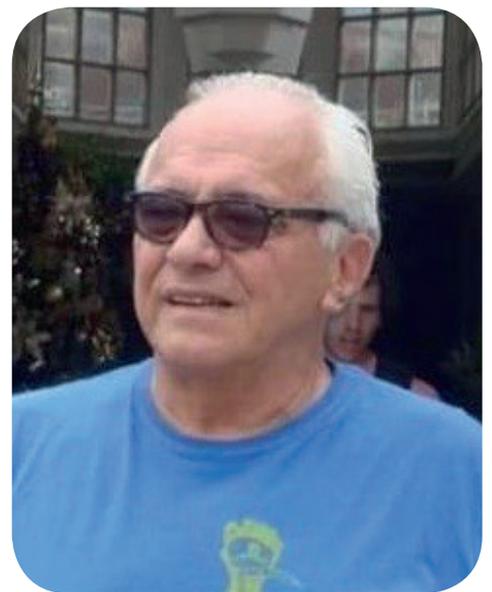
Vítima da COVID-19, depois de vinte e dois dias de sofrida hospitalização, no sábado, dia primeiro de agosto de 2020, às dezenove horas e trinta e cinco minutos, aos 75 anos de idade, faleceu José Luiz Freda Petrucci, nascido na cidade de Pelotas em 27 de novembro de 1944. Formado em medicina pela Universidade Federal de Pelotas em 1969, realizou, no Rio de Janeiro, sua formação psiquiátrica e, também, sua formação psicanalítica – esta na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, entidade na qual, por muitos anos, desenvolveu atividades diretas e didáticas.

A nosso convite, em 1989, começou a participar do ensino da Fundação Universitária Mário Martins e, em 1991, transferiu-se definitivamente para Porto Alegre, abriu seu consultório e deu início ao atendimento psicanalítico de pacientes. A partir de 1990, integrou-se ao Movimento para uma Nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre, berço da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, na qual integra o quadro de fundadores, tornou-se analista didata e ocu-

pou diversos cargos, sendo os mais importantes os de primeiro coordenador do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) e de Diretor do Instituto nos anos 2012-2014.

Petrucci, além de Freud, estudou por muito tempo e profundidade outros autores psicanalíticos, destacando-se Melanie Klein, Bion, Winnicott e Ogden. Suas leituras, no entanto, iam muito além dos temas psicanalíticos, tornando-se um homem dotado de grande cultura literária, além de pianista, pintor e escultor, cujas obras serão postumamente expostas ao público tão logo seja possível. Ele também publicou um grande número de trabalhos psicanalíticos, sendo o último, intitulado *Who I think the layman is to Freud: comments on Sigmund Freud's "the question of Lay Analysis"*, no livro *On Freud's "The Question of Lay Analysis"*, editado por Paulo Cesar Sandler e Gley Pacheco Costa (Routledge, Londres, 2019).

Casado por dezoito anos com Marta de Menezes Novaes, teve quatro filhos (Donatella, Priscilla, Bernardo e Humberto), os



Dr. José Luiz Freda Petrucci

quais lhes deram sete netos. Nos últimos dois anos, esteve casado com Joice Zamprogna, com quem desfrutou uma grande felicidade. Devido a seus conhecimentos psicanalíticos e múltiplos interesses, conquistou admiração, reconhecimento, gratidão e estabeleceu vínculos afetivos com um grande número de instituições, não só psicanalíticas, e com pessoas dos mais variados interesses e grupos sociais. Mantinha amizades desde a infância e sempre foi amigo dos seus amigos.

Se tudo isso já não bastasse para justificar esta homenagem que o Jornal da Brasileira lhe presta, como amigo inseparável desde a adolescência, acrescentaria uma característica simples, mas singular em nossa cultura marcada pela competição: em todos esses anos de relacionamento, jamais ouvi o Petrucci subestimar um colega, um aluno ou qualquer outra pessoa, mesmo que possa ter tido com um ou com outro algum desentendimento, como sabemos que teve, revelando uma capacidade incommum de convivência e respeito humano, expressa num sorriso franco e cativante.



A Caixa de Pandora é um mito grego.

Pandora foi a primeira mulher criada por Zeus. Ele deu a ela um jarro de presente, mas que não deveria ser aberto. O jarro continha as desgraças do mundo: a guerra, a discórdia e todas as doenças da alma e do físico, e também a esperança.

Pandora não conseguiu guardar esse segredo e abriu o jarro, deixando escapar todos os males, mas, arrependida, fechou-o a tempo de preservar a esperança.